

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA

FABIANA PEROTONI

**A CONSTITUIÇÃO DO SENTIDO DO DISCURSO EM HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS A PARTIR DA TEORIA DA POLIFONIA**

CAXIAS DO SUL

2021

FABIANA PEROTONI

**A CONSTITUIÇÃO DO SENTIDO DO DISCURSO EM HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS A PARTIR DA TEORIA DA POLIFONIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras e Cultura – UCS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maris de Azevedo

CAXIAS DO SUL

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

P453c Perotoni, Fabiana

A constituição do sentido do discurso em histórias em quadrinhos a partir da teoria da polifonia [recurso eletrônico] / Fabiana Perotoni. – 2021.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2021.

Orientação: Tânia Maris de Azevedo.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Análise do discurso. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Semântica. 4. Educação. I. Azevedo, Tânia Maris de, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 81'42

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

**A CONSTITUIÇÃO DO SENTIDO DO DISCURSO EM HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS A PARTIR DA TEORIA DA POLIFONIA**

Fabiana Perotoni

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Linguagem e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 17 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora

Dra. Tânia Maris de Azevedo

Orientadora

Universidade de Caxias do Sul

Dra. Carina Maria Melchiors Niederauer

Universidade de Caxias do Sul

Dra. Carmem Luci da Costa Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dra. Verônica Pilar Gomezjurado Zevallos

Universidade de Caxias do Sul

Ao meu amor e companheiro. Anderson, você sabe o porquê.

A minha mãe, que nunca entendeu o que eu estudava, mas sempre me apoiou a continuar.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Tânia Maris de Azevedo, pelo aprendizado e pela paciência.

A todos os meus professores que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que minha trajetória chegasse até aqui.

Ao PPGLet e à Capes pela oportunidade de cursar essa pós-graduação que, com certeza, foi extremamente significativa e renderá bons frutos no meu trabalho como profissional do ensino, assim como na minha vida acadêmica.

À professora Dra. Neires Maria Soldatelli Paviani, um agradecimento especial. Ela enxergou algo a mais em mim no primeiro semestre de graduação e me convidou para sua pesquisa acadêmica. Já faz mais de 17 anos, mas, quando olho para trás, vejo que esse foi um dos momentos decisivos na minha trajetória como pesquisadora, no meu aprendizado como professora além de me render grandes amigos. Que todos nós educadores possamos algum dia olhar para nossos estudantes e convidá-los a aprender e ir além.

RESUMO

As histórias em quadrinhos (HQs) possuem apelo ao público jovem como ícone da cultura pop e, ao longo dos anos, tiveram o interesse da crítica renovado pela popularização e diversificação do gênero. Corroborando isso, atualmente, a BNCC de Língua Portuguesa ressalta a necessidade do desenvolvimento de habilidades de leitura de textos multissemióticos e de gêneros digitais. Contraindo-se a essa necessidade de ensino, pouco se estuda sobre os elementos necessários para qualificar o desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora desses textos, assim como análises que observem de modo equivalente o verbal e o não-verbal na construção do sentido discursivo. Buscando preencher esta lacuna, o presente estudo se propôs a investigar como se constitui o sentido do discurso nas HQs e tiras, nas quais o não verbal é ilustrativo, a partir da Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot e colaboradores, mais precisamente, por meio da Teoria da Polifonia. Acredita-se que esta Teoria, auxiliada pelos conceitos de Eisner (1995) e McCloud (2016) sobre narrativa gráfica e arte sequencial, pode ser o ponto de partida para uma análise da construção de sentido em discursos multissemióticos narrativos e, posteriormente, para auxiliar no desenvolvimento da compreensão leitora analítica desses discursos, por parte dos aprendizes da língua materna escrita.

Palavras-chave: Discurso Multissemiótico das histórias em quadrinhos; Teoria da Polifonia; Compreensão leitora.

ABSTRACT

Comics appeal to young audiences as icons of pop culture and, over the years, have had the interest of critics renewed by the popularization and diversification of the genre. Corroborating this, currently, the Portuguese Language BNCC emphasizes the need to develop reading comprehension skills of multisemiotic texts and digital genres. In contrast to this need for teaching, few is studied about what elements are necessary to qualify the development of reading comprehension skills of these texts, as well as analyzes that observe the verbal and the non-verbal in an equivalent way in the discursive construction. Seeking to fill this gap, this study proposes to investigate how the meaning of discourse is constituted in comics and strips in which the non-verbal is illustrative from the Theory of Argumentation in Language by Oswald Ducrot and collaborators, more precisely, through of the Theory of Polyphony. It is believed that this Theory, aided by the concepts of Eisner (1995) and McCloud (2016) on graphic narrative and sequential art, can be the starting point for analyzing the construction of meaning in multisemiotic narrative discourses and, later, assist in the development of the analytical reading comprehension of these discourses for first language students.

Keywords: Multisemiotic discourse of comics; Theory of Polyphony; Reading comprehension.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Figura 1 – Composição de personagem em HQs.....	36
Figura 2 – Transição quadro-a-quadro em HQs.....	37
Figura 3 – Transição quadro-a-quadro em HQs.....	38
Figura 4 – Transição quadro-a-quadro em HQs.....	39
Figura 5 – Transição de Tempo em HQs.....	40
Figura 6 – Transição de Tempo em HQs.....	41
Figura 7 – Tirinha Armandinho	44
Figura 8 – Tirinha Malvados	47
Figura 9 – Tirinha Malvados	49
Figura 10 – Amor é Amor	51
Figura 11 – Tirinha Malvados	59
Figura 12 – Piada Visual – <i>Optimism</i>	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA	14
2.1 SAUSSURE E A TAL.....	15
2.2 PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA	18
2.3 A TEORIA POLIFÔNICA DE SENTIDO.....	19
3 LEITURA, ENUNCIÇÃO E O CONCEITO DE COMPREENSÃO LEITORA	25
4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	31
4.1 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ARTE SEQUENCIAL	32
4.2 CONCEITOS RELATIVOS À COMPOSIÇÃO GRÁFICA.....	34
5. QUADRINHOS, POLIFONIA E COMPREENSÃO	43
5.1 EXEMPLOS DE ANÁLISE DE QUADRINHOS.....	44
5.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ENSINO DA COMPREENSÃO LEITORA.	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
7 REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

Quando se escolhe um problema de pesquisa, tenta-se juntar o que é necessário ao que é atrativo, afinal, ninguém pesquisa o que não gosta, nem se debruça em livros e teorias por algo que não é pertinente. Assim, meu trabalho é fruto de minha caminhada profissional como professora de Língua Portuguesa da educação básica (principalmente com adolescentes) e do ensino técnico com Português Instrumental. Esse caminho mostrou-me alguns acertos, como o trabalho com histórias em quadrinhos (HQs), e muitas dificuldades, como o ensino da compreensão leitora. Não por acaso, o presente trabalho busca investigar como se constitui o sentido do discurso¹ nas HQs e tiras nas quais o não verbal é apenas ilustrativo, a partir da Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot e colaboradores² visando a aprendizagem da compreensão leitora dessas obras.

O trabalho com HQs em sala de aula sempre foi muito proveitoso para ajudar a desenvolver o gosto pela leitura a partir de um material que os alunos acham interessante e que contém obras com valor estético e literário, ainda que não devidamente valorizadas no cânone acadêmico. Na verdade, poucas pesquisas contemplam toda a capacidade narrativa, estética e discursiva dessas obras; muitas só falam delas como gênero textual e vários livros didáticos usam tiras para enfatizar aspectos gramaticais sem propriamente trabalhar o discurso.

Enquanto há falta de estudos acadêmicos voltados para compreensão leitora desse gênero e falta de estudos linguístico-discursivos que contemplem a união dos aspectos verbais e não verbais na construção de sentido, a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta estudos de gêneros multissemióticos³, já que a era digital maximizou a semiotização da linguagem.

A BNCC também aborda com ênfase a questão da leitura, elencando um grande número de habilidades a serem desenvolvidas pelos aprendizes e inserindo

¹ Ducrot considera a *frase* e o *texto* como entidades abstratas, elementos da língua. As unidades concretas, materialização da língua pelo uso, são o *enunciado* e o *discurso*. Esses termos passarei a utilizar a partir do capítulo 2 que trata da Teoria da Polifonia.

² Doravante, sempre que for referida a Teoria e seu autor principal, leia-se dessa forma: Ducrot e colaboradores.

³ Gêneros multissemióticos são os discursos elaborados com diferentes linguagens (semioses). As histórias em quadrinhos são um representante dessa classificação pois aliam o discurso verbal e visual (gráfico) em suas obras.

estudos como a curadoria da informação⁴, imprescindível na atualidade. A leitura é uma das maiores dificuldades dos estudantes, fato já comprovado pelas avaliações nacionais⁵ e internacionais⁶.

Além do posto, minha necessidade como professora de Língua Portuguesa de ajudar os estudantes a qualificarem sua compreensão leitora (o que afeta diretamente a produção de resumo, paráfrase, entendimento de tese e argumento, ironia e humor no discurso etc.) e a própria compreensão de discursos compostos pela linguagem verbal e não verbal têm me levado a buscar uma forma de otimizar o trabalho com a leitura em sala de aula.

Assim, a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot, entra em pauta como possibilidade de viés teórico para qualificar o desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora. A TAL tem a qualidade de possuir foco nos elementos constituintes do enunciado, não recorrendo ao extralinguístico para tratar do sentido das entidades linguísticas concretas.

Pertencente ao escopo da TAL, a Teoria da Polifonia Linguística – segundo a qual existe uma pluralidade de vozes e pontos de vista que constituem o sentido dos enunciados – foi a abordagem de descrição semântica utilizada nesta pesquisa. A Teoria da Polifonia é muito significativa para o desenvolvimento da compreensão leitora analítica, habilidade necessária para o entendimento da leitura, visto que movimentos de análise e síntese de informação são necessários para o entendimento do sentido do discurso.

Outro ponto positivo da TAL é que, por meio do estudo de Souza (2018) sobre encadeamentos argumentativos em discursos cinematográficos e de trabalhos de Eisner (1995) e McCloud (2006) sobre estética da narrativa gráfica, há a possibilidade de combinar palavra e imagem numa perspectiva discursiva (o que será objeto de pesquisa futura, sendo esta a etapa inicial de uma investigação bem mais ampla).

⁴ A curadoria de informação elencada na BNCC diz respeito as habilidades de busca, seleção e investigação da credibilidade de dados pesquisados pelos estudantes na internet, tornando-os mais conscientes do fenômeno das *fakenews* e vinculação de informações distorcidas em *blogs* e *sites* patrocinados.

⁵ Segundo os dados do Ministério da Educação por meio do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) de 2017, apenas 1,62 % dos estudantes concluintes do Ensino Médio alcançaram níveis de aprendizagem classificados como adequados em Língua Portuguesa.

⁶ Em 2020, o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) apurou que apenas metade dos alunos atingiu ao menos o nível 2 de proficiência, ou seja, os outros 50% não conseguem identificar a ideia principal de um texto ou encontrar informações solicitadas. Apenas 2% conquistaram os níveis de proficiência 5 e 6, tendo competência para ler textos mais longos, interagir com conceitos abstratos e distinguir fato de opinião.

Estruturalmente, a dissertação está organizada em grandes blocos que envolvem revisão de literatura e aplicação das teorias: inicialmente, serão revisados os conceitos ligados à Teoria da Argumentação na Língua (mais especificamente aqueles pertencentes à Teoria da Polifonia), compreensão leitora e, por último, o texto multissemiótico das histórias em quadrinhos. Após a retomada conceitual, constrói-se as análises polifônicas de tirinhas e histórias em quadrinhos, utilizando as obras *Malvados e Quadrinhos dos Anos 10*, do quadrinista brasileiro André Dahmer, *Armandinho*, v.14 do, também brasileiro, Alexandre Beck e uma história da coletânea *Amor é Amor* de Marc Andreyko. Também é feita algumas tentativas de pensar a transposição didática dos conceitos para o ensino da leitura. Por último, analisa-se o resultado do estudo verificando a viabilidade da TAL para análise do sentido de HQs, assinalando relações possíveis com teorias que dão conta do percurso argumentativo da imagem.

Verificar a possibilidade de fazer a descrição semântica das HQs é o primeiro passo para pensar na construção de um referencial didático desse material a partir da Teoria da Argumentação na Língua, auxiliando o desenvolvimento, pelo aprendiz, da compreensão leitora de textos multissemióticos.

2 A SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

Na busca pela constituição do sentido do discurso nas histórias em quadrinhos com vistas à qualificação da compreensão leitora, torna-se necessário delimitar o viés de análise semântica utilizado. A escolha pela Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot, como ponto de vista teórico deve-se à capacidade de essa teoria descrever e analisar o sentido do discurso pelo seu componente linguístico.

A compreensão do sentido do discurso passa por entender os mecanismos, possibilidades e restrições do sistema linguístico. Mais do que isso, ensinar a ler pressupõe a aquisição de autonomia por parte do leitor. Ler é uma construção e é uma construção solitária. Não temos os elementos contextuais extralinguísticos sempre à disposição em um texto escrito, o que temos diante de nós a manifestação física do discurso. A semântica argumentativa mostra-se promissora quando foca nos elementos linguísticos da significação. Se o extralinguístico nem sempre está presente, é necessário que o leitor possa compreender o sentido apenas a partir do que se mostra diante dele: o discurso.

Segundo Tânia Maris de Azevedo, em seu artigo *Polifonia linguística: uma proposta de transposição didática para o ensino de leitura* (2016), os conceitos da Teoria da Argumentação na Língua (TAL) podem ser valiosos instrumentos para qualificar a compreensão leitora. No artigo citado, a autora comenta a aplicação didática da análise polifônica.

Pela polifonia semântico-linguística (e não é por acaso que Ducrot, reiteradas vezes, a denomina assim), o leitor poderá compreender as “informações não explicitadas” (e, assim, o sentido do discurso escrito) sem precisar recorrer a deduções e inferências, pois, como a polifonia está integrada ou constitui o próprio sistema linguístico, as palavras, os enunciados e as relações interenunciados já evidenciam o que está dito sem estar explicitamente escrito. (AZEVEDO, 2016, p. 75)

A TAL mostra-se particularmente interessante, pois tem por objetivo a descrição semântica da língua a partir de suas unidades de sentido (palavras e enunciados). Se a compreensão leitora é a parte da leitura pertinente aos elementos do discurso e suas inter-relações, nada mais coerente do que selecionar uma teoria que se debruce sobre a construção do sentido dos usos da língua.

2.1 SAUSSURE E A TAL

Oswald Ducrot, assim como Saussure, é imanentista. Ou seja, acredita que a língua por ela mesma pode dar conta de explicar seus fenômenos, sem apelar para fatores extralinguísticos. Ducrot parte dos pressupostos saussurianos para estudar argumentação⁷ *na e pela* língua.

Considerado o pai da Linguística moderna, Saussure estabeleceu bases para o estudo da língua como um sistema, além de opor os aspectos de *língua* (entidade abstrata que engloba todas as possibilidades e restrições do sistema linguístico) e de *fala* (a materialização da língua, o uso que os falantes fazem do sistema). Para o autor, o signo linguístico (menor unidade de significação da língua) possui significante e significado, e adquire valor nos eixos de relações associativas e sintagmáticas. Vejamos tal afirmação um pouco mais detalhadamente.

O signo linguístico é uma entidade indissociavelmente composta por um significante (imagem acústica) e um significado (conceito). A relação entre esses dois elementos é arbitrária, ou seja, não há uma relação motivada entre conceito e imagem acústica:

Assim a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa boeuf (“boi”) tem por significante b-ö-f de um lado da fronteira franco-germânica, e o-k-s(Ochs) do outro. (SAUSSURE, 2012, p. 108)

Já os eixos associativos e sintagmáticos representam as relações de seleção e combinação dos signos com a finalidade de utilização por meio da fala. O eixo da seleção refere-se às escolhas entre signos que partilham algum tipo de semelhança, como fonemas parecidos ou significados aproximados. O eixo sintagmático, por sua vez, diz respeito às combinações feitas para dar conta do caráter linear do signo (dois signos não podem ser utilizados simultaneamente). As relações combinatórias levam em conta a organização gramatical da língua. Ou seja, selecionado o signo, é feita uma inserção dele em um todo organizado.

⁷ A argumentação na língua, de Ducrot, difere da concepção de *argumentação retórica*, pela qual a conclusão é extraída dos argumentos a partir da lógica, que depende de questões de ordem filosófica e pragmática, logo extralinguísticas.

O todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo, e eis por que a relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si [...]. Via de regra, não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos. Na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos. (SAUSSURE, 2012, p. 177).

O valor linguístico saussuriano é um elemento da significação do signo. A noção de *valor* estabelece que é a partir das relações, diferenças, entre signos que se obtém o quanto aquele signo vale (significa) em determinada manifestação (fala). Isso porque o signo não tem valor fixo: o valor depende das relações estabelecidas com outros signos. Segundo Saussure (2012, p.172), “Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos.”

Loic Depeker (2011), em seu livro *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*, analisa os manuscritos do *Curso de Linguística Geral* buscando uma compreensão mais aprofundada dos conceitos de Saussure. Ao observar o material sobre o conceito de *valor*, Depeker ressalta a questão da língua como entidade abstrata, uma forma que tem como base de seu sistema o valor que só existe na diferença, em oposição a outros elementos.

Portanto, só a diferença importa. Pois o mecanismo da língua repousa sobre o que é fundamentalmente diferencial e negativo. As diferenças formam oposições, e é esse conjunto de diferenças e de oposições, com "valores" variáveis, que constitui toda entidade linguística em sistema. Saussure não mudará sobre esse ponto: "Nós insistimos em dizer que a língua só se alimenta, em sua essência, de oposições, de um conjunto de valores perfeitamente negativos e que só existem por seu contraste mútuo" (Escritos, p. 71). A entidade linguística não é mais que um fenômeno evanescente que desaparece a partir do momento em que cessamos de mantê-la sob um ponto de vista definido. (DEPEKER, 2011, p. 62).

A partir da ideia de *valor* e das relações de oposição, Ducrot estabelece sua teoria semântica. Para Ducrot, o conceito de *valor* será aplicado à significação. A oposição *língua* e *fala* também é pertinente: ao elaborar seus estudos, o autor partirá da fala para explicar os mecanismos da língua e usará a separação dos elementos enunciativos em entidades concretas (pertencentes à fala) e abstratas (pertencentes à língua).

O autor, em seu texto *A semântica argumentativa pode filiar-se a Saussure?* (2020, p. 297), detém-se sobre a noção de *significado* e *valor*. “meu saussureanismo

consistirá em admitir que o significado de um signo seja certo conjunto de relações entre signos”. O valor de Saussure é aplicado na análise semântica, pois essas relações se darão nos enunciados e terão natureza argumentativa.

Ducrot também parte das oposições saussureanas para delimitar seu objeto. Como Saussure, Ducrot também trabalha com a oposição entre entidades abstratas, ligadas ao sistema linguístico (língua saussureana) e entidades concretas, ligadas às manifestações concretas da língua (fala saussureana).

Entre os componentes ligados à manifestação da língua em uso estão os conceitos de enunciado, discurso e sentido. O *enunciado* é entendido como a ocorrência particular de uma frase, produzido por um locutor em dado momento e lugar, além de ser o produto de uma enunciação:

Para levar a bom termo esta descrição, parece-me necessário estabelecer e depois manter (mesmo se isto custa um pouco) uma distinção rigorosa entre “o enunciado” e a “frase”. O que eu chamo de “frase” é um objeto teórico, entendendo por isso, que ele não pertence, para o linguista, ao domínio do observável, mas constitui uma invenção desta ciência particular que é a gramática. O que o linguista pode tomar como observável é o enunciado, considerado como a manifestação particular, como a ocorrência *hic et nunc* de uma frase. (DUCROT, 1987, pág. 164).

Mais adiante na sua teoria, Ducrot alia o conceito de enunciado ao conceito de unidade argumentativa de sentido composta por um argumento e uma conclusão. O *discurso* é visto como concretização de um texto, um conjunto de enunciados inter-relacionados. Segundo Azevedo (2006, p. 67), “não é a quantidade de enunciados e sim a forma como se relacionam que faz de sua união um todo orgânico denominado discurso”. As noções de enunciado e discurso representam o que é produzido pela atualização da língua, sua manifestação particular de uso e, por isso, são as unidades observáveis para análise linguística.

Já os componentes ligados ao sistema linguístico são o texto, a frase, e a significação, entidades abstratas, teóricas, além de uma estrutura de possibilidades/restrições da língua que é concretizada na produção de enunciados/discursos.

O conceito de valor semântico também é dividido entre as entidades abstratas e concretas da língua, sendo o *sentido* o valor semântico do enunciado, e a

significação, o valor semântico da frase. Segundo o *Dicionário de Linguística da Enunciação*,

O sentido (valor semântico de um enunciado) difere, em quantidade e em natureza, da significação (valor semântico da frase). O enunciado diz muito mais do que a frase, cuja natureza é instrucional e aberta. O sentido se produz quando são obedecidas as indicações dadas pela significação. (FLORES et al., 2021, p. 208).

Assim, propor um modelo de descrição/explicação semântica implica propor uma “ferramenta” capaz de, a partir do que é observável (sentido do enunciado e do discurso), descrever a significação da frase e do texto (entidades abstratas).

2.2 PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Para Ducrot, o estudo da língua ocorre a partir de suas manifestações, os enunciados, para deles extrair, por dedução, a entidade abstrata que os semantiza (a frase). Dessa forma, desenvolve uma teoria que demonstra a significação da língua a partir da construção de sentido dos enunciados. A Teoria da Argumentação na Língua (TAL) passa por diversas modificações ao longo do tempo, sendo lapidada cada vez mais para retirar elementos extralinguísticos dos estudos que têm por máxima a presença da argumentação na língua.

A TAL é considerada a teoria geral de Ducrot, que possui em seu título a ideia central do semanticista. Porém, ao longo dos anos, a Teoria é revista e dá origem a três versões; as duas primeiras, relativas à forma *standart*, são a Teoria dos Topoi e a Teoria da Polifonia, enquanto a sua forma atual, desenvolvida em parceria com Marion Carel, é a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS).

A TBS substitui as noções elencadas na Teoria dos Topoi, na qual não me deterei por ter sido abandonada. A premissa do bloco semântico é a de que o sentido constitui-se pela relação estabelecida entre dois segmentos de um encadeamento argumentativo ligados por um conector normativo (do tipo de DONC)⁸ ou transgressivo (do tipo de POURTANT)⁹. Essa relação inscreve-se na língua por meio do bloco

⁸ Do francês *portanto*. Num encadeamento normativo, temos o seguimento: *argumento logo conclusão*.

⁹ Do francês *no entanto*. Num encadeamento transgressivo, temos o seguimento: *argumento no entanto conclusão*.

semântico, a totalidade constituída pelos dois conceitos que formam o encadeamento argumentativo. Em um enunciado como E (1): “*Fumar causa câncer, doenças circulatórias e pulmonares.*” temos o encadeamento argumentativo *fumar DONC adoecer* derivado do bloco semântico *fumar-adoecer*.

Assim, o encadeamento argumentativo de um enunciado evidencia a significação inscrita no sistema linguístico na forma de bloco semântico. Observando o exemplo do enunciado E(1), nota-se que a relação inscrita no encadeamento *fumar DONC adoecer* sintetiza o sentido do enunciado constituído a partir do bloco semântico *fumar-adoecer*, este inscrito no sistema linguístico.

Essa, no entanto, não é a única forma de fazer a descrição semântica pela TAL. A Teoria da Polifonia, baseada na ideia de que o sentido do enunciado é formado pelas diferentes vozes, pelos diversos pontos de vista (os denominados *enunciadores*) que o locutor mobiliza ao enunciar, também é um modelo de descrição semântica. A Teoria da Polifonia foi elaborada por Ducrot em resposta à premissa da unicidade do sujeito no discurso. Embora seja anterior a TBS, seus pressupostos ainda são válidos e continuam sendo revisitados.

Pensando na proposta de estudo usando como material linguístico as tiras e histórias em quadrinhos, ricas em ironia e quebra de expectativas, acredito que a descrição semântica por meio da Teoria da Polifonia seja mais satisfatória no momento dessa pesquisa pela sua natureza analítica e por mostrar os diferentes pontos de vista assumidos pelos locutores. Estabelecido o recorte da TAL que farei neste trabalho, faz-se necessário a elucidação de alguns conceitos elaborados por Ducrot para uma melhor compreensão da análise polifônica de sentido.

2.3 A TEORIA POLIFÔNICA DE SENTIDO

A Teoria da Polifonia de Oswald Ducrot, elaborada nos anos setenta e passando por várias reformulações até final dos anos noventa, entende que os enunciados são polifônicos, ou seja, realizam várias “vozes”, pontos de vista que se desdobram para compor o sentido.

Ao desenvolver Teoria Polifonia, Ducrot contesta a ideia da unicidade do sujeito, defendendo que diferentes vozes se manifestam em um mesmo discurso.

Segundo a Teoria, o autor de um enunciado não necessariamente aparece como locutor desse enunciado, e o locutor evoca diferentes enunciadores assumidos ou não por ele na constituição do sentido do enunciado.

Exemplificando como autor e locutor podem ser diferentes, retomo a frase de Lewis Carroll, em *Alice no País das Maravilhas*. Ao entrar na toca do coelho, Alice se depara com recados vindos de iguarias culinárias com componentes duvidosos. Em um momento, a personagem pega um bolo no qual está escrito “coma-me”; em outro, pega uma garrafa com a inscrição “beba-me”. O autor das frases não é mencionado, estando tudo em uma atmosfera de sonho, mas os locutores das mensagens são o próprio bolo e o conteúdo da garrafa.

Ducrot, então, amplia a “ideia de autoria” em três elementos: (a) o autor empírico do discurso, sujeito do mundo fora do campo linguístico; (b) o locutor, a quem o enunciado é propriamente atribuído, sujeito da enunciação; e (c) os enunciadores, cujos pontos de vista constituem o sentido do enunciado.

Em relação à noção de *enunciador*, Ducrot a define como *pontos de perspectiva*

Chamo enunciadores às origens dos diferentes pontos de vista que se apresentam no enunciado. Não são pessoas, mas “pontos de perspectiva” abstratos. O próprio locutor pode ser identificado com alguns desses enunciadores, mas, na maioria dos casos, os apresenta mantendo certa distância deles.¹⁰ (DUCROT, 1990, p. 20).

Ducrot também elabora na sua teoria as noções de *posto* (o que está dito explicitamente em um enunciado), *pressuposto* (o que está implícito) e *subentendido* (o que se deixa o ouvinte concluir). Enquanto a noção de subentendido vai dar conta de elementos pragmáticos da linguagem, que não serão analisados pela polifonia por serem extralinguísticos, a noção de pressuposto é linguística, pois trabalha com elementos do discurso.

O pressuposto é visto como um elemento criador de polifonia. A pressuposição é vista como um fenômeno linguístico, no qual palavras de um enunciado possibilitam

¹⁰ Llamo enunciadores a los orígenes de los diferentes puntos de vista que se presentan en el enunciado. No son personas sino “puntos de perspectiva” abstractos. El locutor mismo puede ser identificado con algunos de estos enunciadores, pero en la mayoría de los casos los presenta guardando cierta distancia frente a ellos. (original)

que haja um sentido posto e um pressuposto. Através do que está *posto* e *pressuposto* no discurso, obtém-se os enunciadores, que representam os diversos pontos de vista manifestados.

Exemplificando a possibilidade de diferentes enunciadores, toma-se por exemplo o enunciado: E (2) *Rafael parou de vir a minha casa*. Esse enunciado desdobra-se em pelo menos dois enunciadores; ao falar que “Rafael parou de vir”, temos como pressuposto que ele “vinha”:

E (2): *Rafael parou de vir a minha casa*

E₁: *Rafael vinha a minha casa*

E₂: *Rafael não vem mais a minha casa*

Além dos enunciadores, a teoria polifônica também analisa as posições assumidas pelo locutor perante esses elementos. Segundo Ducrot (2008, p.07) “[...] a tarefa do locutor frente aos enunciadores é a de tomar certas atitudes em relação a eles, as atitudes às quais nos restringimos atualmente sendo o assumir, a concordância e a oposição.”

O locutor pode assumir determinado enunciador, aceitar os pressupostos de outro ou recusar algum dos pontos de vista. No exemplo de análise polifônica acima, E(2), observa-se os dois primeiros movimentos: o Locutor (L) aceita E₁ e assume E₂. Dessa forma, a compreensão do enunciado pode ser atingida ao perceber os pressupostos dos enunciadores e analisar as atitudes do locutor sobre eles.

Marion Carel, em seu artigo *Polifonia Linguística*, ressalta que a pressuposição não é a única fonte de polifonia. O enunciado onde o locutor recusa um conteúdo, negando-o, gera o enunciador que afirma esse mesmo conteúdo:

Uma última observação, antes de concluir esta primeira parte. A pressuposição não é a única fonte possível de polifonia semântica. Há outra grande família de casos (eu me pergunto se ela tem um equivalente musical): é a dos enunciados cujo locutor, em vez de afirmar um conteúdo, ao contrário, rejeita-o:[...] É uma propriedade da negação *não* (*ne...pas*) a de fazer ouvir, além da afirmação do conteúdo negativo, a rejeição do conteúdo positivo. (CAREL, 2011, p. 30)

Assim, em um enunciado como “*Eu não o perdorei por isso.*” cria-se o enunciador positivo em relação ao conteúdo negado.

E (3): *Eu não o perdorei por isso.*

E₁: Eu o perdooarei por isso.

E₂: Eu não o perdooarei por isso.

Nas conferências de Cali, na Colômbia, em 1990, Ducrot apresenta sua ideia de polifonia linguística, abordando o humor e a negação como exemplos do uso do recurso polifônico. A ironia e o humor são fenômenos universais que podem ser utilizados pela língua e, segundo o autor, uma vez que o linguista se propõe a fazer uma descrição da significação da língua, não prever essas possibilidades é produzir algo bastante incompleto.

Um discurso irônico ou humorístico pode ser linguisticamente explicado através dos enunciadores acionados por ele. Em *O Dizer e o Dito* (1987, p.198), o autor coloca que “Falar de modo irônico é, para um locutor L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador. Posição de que se sabe por outro lado que o locutor L não assume a responsabilidade, e, mais do que isso, que ele a considera absurda.”

No humor, é comum que um enunciador represente algum ponto de vista absurdo em relação aos demais. Observando a piada abaixo, percebe-se essa “quebra” de ponto de vista. Nesse caso, os locutores do diálogo não assumem o mesmo enunciador, gerando incerteza do sentido, e, conseqüentemente, o humor. Seja o discurso D (1):

No velório.

– *Qual a senha do wi-fi?*

– *Respeita o falecido...*

– *Tudo junto?*

O locutor do discurso D(1) apresenta um diálogo, ocorrido durante um velório. Os enunciadores produzidos pelo discurso são:

Personagem 1 do diálogo:

E(1): Qual a senha do wi-fi?

E₁: Qual a senha do wi-fi?

E₂: Existe wi-fi

E₃: Wi-fi tem uma senha

E₄: A senha não é conhecida por quem enuncia a pergunta.

Personagem 2 do diálogo:

E(2): Respeita o falecido...

E₁: Respeita-se o falecido em um velório

E₂: O falecido não está sendo respeitado

Personagem 1 do diálogo:

E(3): A senha é escrita “tudo junto”?

E₁: A senha é: respeite o falecido

E₂: A senha é escrita com o espaçamento entre as palavras

E₃: A senha é escrita sem o espaçamento entre as palavras

Os dois personagens aceitam *E₁*, que apresenta a primeira interação entre os dois. Porém, o personagem 1 assume *E₂*, enquanto o personagem 2 nega *E₂*, criando uma nova interação *E(2)* no qual o personagem 2 aceita *E₁* e assume *E₂*. O personagem 1 aceita *E₁* e nega *E₂* criando nova interação *E(3)* no qual aceita *E₂*, *E₃*, e assume *E₁*. Os pontos de vista negados e assumidos pelos personagens têm por consequência o humor da piada, uma vez que o personagem 1 assume o enunciador absurdo no terceiro enunciado.

Já a negação, pela sua própria natureza, apresenta um desdobramento de enunciador positivo. A negação está inscrita na frase (fato da língua), pois só se pode negar a partir de algo que se afirma. Se digo que *Antônio não virá*, aciono um ponto de vista que pressupõe que ele *viria*.

Ducrot, ao esboçar sua teoria polifônica, relaciona a negação e a ironia como geradoras de diferentes enunciadores e reconhece a semelhança dos dois recursos:

O que não é aliás de espantar, já que apresentei para negação e a ironia descrições bastante próximas. Sua diferença principal é que, na ironia, a recusa do enunciador absurdo é diretamente executada pelo locutor [...] enquanto que na negação, a recusa se dá através de um outro enunciador colocado em cena pelo locutor e ao qual este, na maioria dos casos, se assimila. (DUCROT, 1987, p. 207)

O locutor também é uma figura importante na análise polifônica. Embora os enunciadores desdobrem o discurso em asserções, a construção do sentido depende de identificar que postura o locutor assume diante desses elementos. Ele pode aceitar o que está colocado por determinado enunciador, pode negar ou assumir o conteúdo dado pelo enunciador. É nessa inter-relação entre enunciadores e locutor que o sentido do enunciado/discurso se manifesta e possibilita sua leitura.

Talvez, à primeira vista, esse desdobramento do discurso em enunciadores possa parecer exaustivo quando pensamos do ponto de vista didático, mas ressalto que a análise polifônica é um instrumento do linguista enquanto estudioso dos mecanismos da linguagem. Não compete ao estudante, na prática leitora, esse tipo de análise.

O que se espera é que a observação dos enunciadores e a posição assumida pelos locutores possa ser abordada a partir de questões e exercícios que norteiem a análise dos estudantes. Para isso, a concepção de *transposição didática* de Chevallard (1991) é relevante na parte final desse estudo, quando, após analisar a aplicação da Teoria da Polifonia nas HQs, pretende-se alinhar algumas possibilidades de uso da TAL no ensino da compreensão leitora analítica.

3 LEITURA, ENUNCIÇÃO E O CONCEITO DE COMPREENSÃO LEITORA

Falar sobre a importância da leitura pode ser bem difícil. Não por não saber, mas porque isso é tão óbvio e intrínseco para um professor da língua e literatura, que é difícil esmiuçar. É como perguntar qual é a importância da respiração. A leitura e seus diversos letramentos estão no cerne da comunicação humana. Isso não é pouco quando se considera o homem um ser de linguagem.

Valdir Flores, em sua obra *Problemas Gerais de Linguística* (2019), utiliza da expressão *Homo loquens*, cunhada por Giorgio Agamben, ao falar do lugar central da linguagem na vida humana. Se temos o conhecimento (*sapiens*), só o sabemos e o expressamos pela linguagem. Assim, *homo loquens* é um título mais apropriado para nossa natureza. Flores relembra o *Curso de Linguística Geral* em suas afirmações. Afinal, nas palavras de Saussure (2012, p. 128), “O que é claro, como se repetiu mil vezes, é que homem sem a linguagem seria, talvez, o *homem*, mas não um ser que se comparasse, mesmo que aproximadamente, ao homem que nós conhecemos e que nós somos [...]”.

Se a linguagem tem esse papel fundamental na constituição humana, a leitura é um de seus carros-chefes, especialmente quando pensamos em ensino, pois ler é um processo comunicativo extremamente individual, criado para isso. O propósito de uma língua escrita é conseguir manifestar a fala longe (no tempo e no espaço) de seu autor. Sem expressões faciais, gestos, tons de voz e interlocuções em tempo real, a escrita e a sua leitura são processos que exigem muito mais de seus agentes para a construção de sentido. Hoje, juntamente com a complexidade desses processos, somam-se os multiletramentos e a chamada *era digital*, fazendo com que novas habilidades sejam incorporadas ao ensino da leitura.

A interação digital e a pluralidade de textos multissemióticos¹¹ criam um paradoxo: nunca nos comunicamos de forma tão rápida e global, porém, ao mesmo tempo, nunca tivemos tantas dificuldades de comunicação. A nova BNCC, ao pensar em estabelecer habilidades essenciais para a Língua Portuguesa, comprova essa complexidade de ensino. A disciplina com maior número e variedade de habilidades é

¹¹ Textos multissemióticos são aqueles constituídos por diferentes linguagens como a verbal e a visual no caso das histórias em quadrinhos.

a de língua materna, elencando análises de multisssemiose, curadoria de informação, estética e letramento digital, além das relacionadas à gramática, à semântica e à pragmática.

A concepção do novo documento orientador demonstra uma valorização e preocupação com o ensino de língua, mas também um desafio, pois, se a atualidade demanda um olhar para os processos de interação verbal cada vez mais complexos e híbridos, que teorias e práticas de ensino podem nos instrumentalizar para qualificar as práticas de leitura?

Acredito que investir em gêneros discursivos multisssemióticos, como os quadrinhos, seja uma opção pedagógica válida, por abarcar diversas habilidades em sua leitura, aliada à facilidade de uso e ao interesse dos estudantes. Mas das qualidades da HQ falarei mais tarde, já que de nada vale o objeto de análise sem que haja uma teoria para direcionar o olhar sobre ele. Primeiramente, para tecer essa teia de conceitos que direciona o olhar, gostaria de estabelecer que concepção de *leitura* estou discutindo.

Os conceitos de leitura e do nível de compreensão leitora dos quais me valho partem de teorias que observam a língua do ponto de vista da enunciação. Assim, penso que retomar as ideias de Émile Benveniste seja o ponto de partida para essa explanação.

Benveniste (1995), em *Problemas de Linguística Geral I*, parte dos princípios saussurianos de linguagem para tecer seus apontamentos sobre a subjetividade e os mecanismos da língua que, no uso, marcam não só o elemento subjetivo como também a interlocução da linguagem.

O autor define o conceito de *enunciação* como ato circunstanciado de fala no qual um locutor (*eu*) dialoga com um interlocutor (*tu*), num tempo e espaço determinado. O *eu* e o *tu* só são estabelecidos via enunciação e se intercalam na interlocução. Assim, Benveniste demonstra que a língua possui elementos que só têm sentido em seu uso e no momento do seu uso, no ato da enunciação. O enunciado nunca será o mesmo, pois as circunstâncias nunca se repetem: elementos da língua como pronomes pessoais, demonstrativos e advérbios só têm sentido na circunstância específica do seu uso, no enunciado.

A partir da teoria enunciativa, estudar esse sistema abstrato que é a língua só é possível a partir da sua materialização no enunciado e no discurso (texto realizado enunciativamente), pois é ali que os mecanismos enunciativos da língua se manifestam.

A teoria da enunciação de Benveniste muda a ótica que se dá ao estudo da língua a partir de suas manifestações (enunciados e discursos) e na demonstração de quais elementos da língua¹² atuam na subjetividade e na interação.

Segundo o *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES, 2021, p.106) a enunciação para Ducrot “é acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado”. Isso significa que o semanticista não considera o fenômeno da enunciação da mesma forma que outros autores como Greimas, Benveniste e Jakobson, para os quais a enunciação é a concretização da língua (fala), encabeçada por um sujeito e situada em um tempo e lugar. Como Ducrot foca seus estudos de forma estruturalista, sua teoria não se detém aos elementos enunciativos de autoria do sujeito, mas ao estudo do sentido, ao “aparecimento” de um enunciado, buscando a significação linguística. A enunciação é a realização de uma atividade linguística¹³ e abarca o que foi realizado, o acontecimento de sua realização e o processo que deu origem a sua aparição.

Mesmo que Ducrot e Benveniste entendam enunciação de modos diferentes, algumas aproximações são possíveis, como mostra Nerci D’Ávila em seu artigo *A enunciação em Benveniste e em Ducrot*:

Porém o alvo da teoria de Benveniste não é o homem, sujeito de seu dizer, mas o processo de enunciação: a teoria estuda as marcas do sujeito naquilo que ele diz. Da mesma forma, para Ducrot, a enunciação é um evento cuja descrição está feita, basicamente, no interior do próprio enunciado. Pode-se dizer, então, que tanto aquele quanto este concebem a enunciação como um evento que só inclui da situação aquilo que a língua registra como situação. (D’AVILLA, 2004 p. 160)

Marlene Teixeira (2006) busca atualizar o conceito de *leitura* por meio da teoria da enunciação. Fazendo um apanhado histórico da concepção de *leitura* na escola, a autora relata que o conceito foi visto, durante muito tempo, como o processo de

¹² *Língua*, do ponto de vista de Saussure, é uma entidade abstrata, um sistema de signos cuja concretude acontece pela *fala* (manifestação oral ou escrita da língua).

¹³ Atividade linguística para Ducrot é o processo de escolhas feitas pelo locutor no sistema linguístico para compor seu discurso.

decodificação do código escrito. Após o advento das teorias interacionistas, muitos autores colocaram enfoque sobre o leitor e sua compreensão do texto. No entanto, para Teixeira (2006, p. 42), “Ao enfatizar somente o código ou o leitor, o professor está esquecendo que o texto é produzido com intenções comunicativas. Nele, a linguagem é posta em ato por um sujeito que tem algo a dizer.”

Assim, a linguista elabora sua concepção de *leitura* como fenômeno enunciativo que considera a relação do texto com o sujeito-leitor. O processo de leitura possui subjetividade, afinal não lemos “o que o autor quis dizer”, mas construímos o sentido a partir do que está escrito e do nosso olhar como leitor. Os sujeitos-leitores:

[...] transformam-se em co-enunciadores, pois produzem sentidos a partir de suas histórias de vida, seus valores, sua cultura. Não há um domínio absoluto sobre o sentido, pois o sentido não é dado pelo texto, ele é produzido por aquele que lê, no aqui e agora em que se dá a leitura e que é um momento sempre novo, irrepetível. (TEIXEIRA, 2006, p. 45)

Para Flores e Teixeira (2017), conceber a leitura como um fenômeno enunciativo leva ao abandono de uma ideia de interpretação absoluta, pois:

[...] implica levar em conta a assimetria típica da cena enunciativa: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações nele presentes, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciadador. A relação intersubjetiva que se produz na leitura é sempre inédita. O sentido, longe de ser imanente, se apresenta como resultado de um processo de apropriação do texto pelo leitor, que imprime a sua singularidade na experiência de leitura. (FLORES e TEIXEIRA, 2017, p. 8)

Importante frisar que a questão da subjetividade da construção de sentido na leitura não significa que o texto possa ser lido de qualquer jeito. Existem elementos que orientam a compreensão. A leitura “está sujeita às convenções linguísticas, às restrições de gênero, aos pontos de ancoragem discursiva que orientam a expectativa do leitor, delimitam a interpretação e a impedem de se perder em qualquer direção” (TEIXEIRA, 2006 p. 46).

Assim, a leitura é vista como um processo complexo que depende do domínio de várias habilidades de diferentes níveis. Pensando em delimitar o estudo e pensar no auxílio no desenvolvimento de habilidades a partir Teoria da Polifonia, limita-se as análises ao nível da compreensão leitora.

O conceito de *compreensão leitora* utilizado para este estudo refere-se ao desenvolvido por Azevedo (2016). Para a autora, o ato de ler está dividido em três etapas ou níveis distintos: decodificação, compreensão e interpretação. O primeiro refere-se à decifração do código escrito, o segundo à construção de sentido das inter-

relações das unidades discursivas e o terceiro à relação do conteúdo temático com os contextos de produção e recepção.

Assim, para uma leitura efetiva, o indivíduo precisa decifrar o código usado no texto, entender como as informações deste texto se encadeiam e se relacionam para produzir sentido e complementar esse sentido com informações extratextuais.

Dessa forma, pensar em uma competência leitora para as narrativas gráficas é pensar em que elementos são necessários ao leitor para construir o sentido do discurso dessas narrativas. Essa compreensão leitora, em consonância com a Teoria da Argumentação na Língua de Ducrot, está no texto (entenda-se “discurso”), o qual possui mecanismos inter-relacionados que orientam a formação de sentido.

Azevedo (2019), em seu artigo *Aprendizagem da compreensão leitora: uma proposta de transposição didática da Teoria da Polifonia e da Teoria dos Blocos Semânticos*, divide o conceito de compreensão leitora, buscando uma proposta de interação com as teorias da Semântica Argumentativa. Para a autora mencionada, a compreensão leitora pressupõe um grupo de habilidades ligadas a atribuir sentido pela inter-relação das partes de enunciados e desses com a estrutura do discurso.

Azevedo (2019) propõe uma subcategorização da compreensão leitora, dividindo-a em analítica e sintética, conforme as habilidades acionadas em cada etapa. Numa leitura proficiente, habilidades de compreensão sintética e analítica são quase simultâneas, porém, para fins de aprendizagem, elas são divididas em exercícios de relação de elementos do texto e de entendimento de blocos de sentido.

Compreensão aqui é vista como a assimilação, por meio de análise, das interconexões das palavras em cada enunciado e dos enunciados entre si, de um lado, e, de outro, pela síntese de tais inter-relações para a constituição do sentido do discurso como totalidade semântica. Portanto, o que proponho é que a compreensão seja subdividida complementarmente em compreensão analítica e compreensão sintética. Por óbvio, a compreensão tem como pré-requisito necessário a decodificação. (AZEVEDO, 2019, p. 96)

Pensando nisso, Azevedo (2019) propõe o trabalho com a compreensão leitora pela Teoria da Argumentação na Língua pelo seguinte viés: a compreensão analítica poderia ser trabalhada pelos desdobramentos de sentido dos enunciados, ou seja, pela Teoria da Polifonia, analítica em sua natureza. Já a compreensão sintética se daria pela Teoria dos Blocos Semânticos, visto que os encadeamentos argumentativos são sínteses dos conteúdos e das relações dos enunciados.

O recorte feito neste trabalho tem o enfoque na compreensão leitora analítica a partir da Teoria Polifônica de Sentido, detalhada no próximo capítulo. Embora entenda que a compreensão leitora analítica e sintética acontecem, muitas vezes, ao mesmo tempo na leitura de um leitor proficiente, penso que no ensino, por motivos didáticos, se façam questionamentos e atividades referentes às duas compreensões (analítica e sintética) em diferentes momentos, separando-as no seu estudo. Também entendo que não se pode chegar ao domínio da compreensão leitora sintética sem passar pela analítica, pela própria constituição do processo de análise e síntese. Sendo esse um estudo inicial sobre como qualificar esse processo, detenho o recorte na compreensão leitora analítica, utilizando a Teoria da Polifonia como base.

4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Não é mistério que teorias imanentistas da língua tendem a ignorar a imagem em textos multissemióticos, afinal busca-se a descrição do elemento linguístico. Porém, algumas ideias já foram lançadas buscando a relação desses dois elementos.

Barbizan e Rorig, no artigo *A compreensão e a interpretação do discurso* (2009), analisam diferentes textos multissemióticos buscando, através da ideia de *instrução* ducrotiana, a análise polifônica e de blocos semânticos de textos que aliam imagem e língua. Para Ducrot, a ideia de instrução é pensada como um direcionamento do sentido de enunciados a partir de elementos linguísticos.

Já Souza (2018) cunha o termo *policromia* para apoiar sua teoria de uma semântica da imagem, também polifônica em seus traços, pois contém enunciadores não verbais que direcionam a leitura visual, como foco, plano aberto e fechado, além de gradações de fundo e primeiro plano.

Embora seja uma empreitada difícil, não podemos desconsiderar a importância dessas iniciativas, que remetem a um dilema recorrente: ou o semanticista não pode se deter em discursos multissemióticos, deixando sua análise para outras teorias, ou ele adota a postura de analisar somente o linguístico, ignorando a imagem ou pensando nela como complemento.

A primeira postura é problemática, pois é bastante limitador para a semântica argumentativa negar-se a analisar esses discursos em um mundo em que, cada vez mais, há hibridismo de linguagens. Já a segunda postura me parece uma solução pouco prática. Afinal, se a semântica busca dar conta das relações linguísticas que concretizam o sentido e, no texto de HQs, esse sentido é composto por interação entre linguagem visual e verbal, não há como perceber um sem observar o outro.

Alguns podem dizer que as imagens só ilustram o verbal em muitas HQs. Esse estilo de manifestação é bem escasso e restritivo, pois mesmo que não envolvam ação, as imagens marcam elementos da enunciação ao relacionar os locutores ou referentes de tempo e lugar, sem os quais não poderia se constituir o contexto discursivo.

Assim, para buscar uma qualificação da compreensão leitora das HQs, via teoria da polifonia de Ducrot, é necessário considerar alguns elementos visuais.

4.1 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ARTE SEQUENCIAL

Uma das primeiras formas de expressão comunicativa da humanidade foi o desenho nas cavernas, contando o cotidiano de caçadas e a espiritualidade da tribo. Muitos dos primeiros códigos escritos também foram desenhos, começando como ícones de elementos e sendo estilizados até perderem seu *design* original, como no caso dos ideogramas. A linguagem semiótica auxilia a interação social do homem desde os primórdios da história e está na gênese da comunicação. No entanto, como estudo e, principalmente, como estudo discursivo, as possibilidades da semiótica na linguagem estão sendo estudadas há bem pouco tempo.

As histórias em quadrinhos (HQs), num sentido amplo, abarcam um grande número de subgêneros com classificações socioculturais, temáticas e estéticas bastante distintas. Dizer que se analisará HQs neste sentido, seria o mesmo que dizer o objeto de estudo é o livro. Portanto, uma das primeiras definições teóricas necessárias para esta proposta de trabalho diz respeito à delimitação do conceito de HQs utilizado aqui.

Will Eisner foi uma das primeiras pessoas a teorizar sobre a estética da narrativa gráfica na obra *Quadrinhos e Arte Sequencial*. Eisner (1995) esboça uma teoria sobre a criação do texto imagético e os elementos envolvidos no processo. Mesmo que seja uma obra técnica para auxiliar no processo de roteiro e criação estética, ela estrutura os principais aspectos a se considerar na criação do gênero. Segundo o autor, a arte sequencial, como linguagem, tem em suas características expressivas a argumentação gráfico-visual, que se estabelece mediante a capacidade de pensar visualmente e organizar requadros, ilustrações em sequência dinâmica. Nela, há o poder da síntese expressiva combinando a palavra escrita e a imagem (EISNER, 1995).

Porém, sua maior contribuição para o estudo é sua própria criação artística. Ele é autor de algumas das narrativas gráficas mais conceituadas pela crítica literária, como *Contrato com Deus* (2007) e *O Edifício* (1990), que são exemplos de obras que trabalham uma visão crítica das pessoas comuns de uma Nova York do início do século XX. Nessas narrativas, são retratadas a vida da classe operária, de imigrantes vivendo nos cortiços e trabalhando em construções sem nenhuma perspectiva de vida.

Ao criar essas histórias fora do contexto editorial dos quadrinhos seriados *mainstream* de super-heróis dos anos 60 e utilizar as possibilidades do gênero multimodal para criar uma história adulta e fechada, Eisner acabou criando um novo estilo de HQs, que batizou com o termo *graphic novel* (narrativa gráfica), algo mais próximo da ideia de uma novela ou romance, utilizando, porém, todas as possibilidades da mídia das HQs.

As possibilidades da narrativa gráfica são infinitas. O texto verbal e não verbal aliado ao valor estético da imagem e aos elementos encadeadores dos quadros e sarjeta¹⁴ tornam os quadrinhos uma das manifestações mais ricas dentro da comunicação. A partir do conceito de *graphic novel*, desenvolvido por Eisner, uma nova gama de produções surgiu, mais adulta, autoral, possibilitando criações de narrativas com valor literário e visual, provocando a necessidade de um olhar mais atento sobre a estrutura semiótica dessas narrativas.

Outro ponto que justifica a escolha das histórias em quadrinhos e embasa a busca pela qualificação da compreensão leitora de gêneros multissemióticos é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2018. Esse documento referenda o trabalho com gêneros multissemióticos nos eixos de integração da área de Linguagens, entendendo o ensino da leitura e da escrita não com um fim em si mesmo, mas objetivando a ampliação das capacidades de uso da língua/linguagem dos estudantes na interação em sociedade. Segundo a BNCC/2018:

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. O tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão [...]. (BNCC, 2018, p. 72)

Assim, nas dimensões *Compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos* e *Estratégias ou procedimentos de leitura*, vemos as seguintes práticas de linguagem relacionadas:

- Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas e formatação de imagens (enquadramento, ângulo/vetor, cor, brilho, contraste), de sua sequenciação (disposição e transição, movimentos de câmera, remix) e da performance – movimentos do corpo, gestos, ocupação do espaço

¹⁴ Sarjeta é o conceito utilizado na arte sequencial para se referir aos espaços em branco entre os quadros. A Sarjeta é um mecanismo importante na produção visual das HQs, pois ajudar a dar ritmo à narrativa, direciona o olhar do leitor e é o espaço em que o leitor complementa a leitura da imagem. Nesse sentido, a parada que o leitor faz ao ir de um quadro ao outro é o momento de análise e síntese das informações contidas no quadro interior em relação ao próximo.

cênico e elementos sonoros (entonação, trilha sonora, sampleamento etc.) que nela se relacionam.

[...]

- Estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero textual, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos.

[...]

- Articular o verbal com outras linguagens – diagramas, ilustrações, fotografias, vídeos, arquivos sonoros, etc. – reconhecendo relações de reiteração, complementaridade ou contradição entre o verbal e as outras linguagens. (BNCC, 2018, p 73)

Nota-se que os documentos que embasam o ensino de leitura e da escrita no Brasil incentivam o estudo dos aspectos não verbais da linguagem e sua articulação na construção de sentido do texto.

A BNCC também salienta a análise literária em um de seus eixos de práticas de linguagem; logo, as narrativas gráficas se tornam um material relevante para estudo, pois, além de seu aspecto linguístico, permitem o olhar estético literário e de crítica social. Pensando que este estudo possa ser futuramente expandido, visando também o trabalho em sala de aula, as HQs representam um gênero complexo, capaz de se desdobrar em diferentes análises e abarcar diferentes habilidades de leitura relatadas no documento orientador.

O conceito amplo de leitura retratado na BNCC/2018 considera a relação entre os aspectos verbais e não verbais para a construção do sentido do texto. Dar conta dessa inter-relação, no entanto, passa por descobrir como a leitura imagética se estrutura.

4.2 CONCEITOS RELATIVOS À COMPOSIÇÃO GRÁFICA

A narrativa gráfica possui suas particularidades de composição, o que me levou a buscar autores que trabalhem diretamente com esse gênero. Embora a composição de narrativa enquanto roteiro possa ser definida ainda sob os moldes de Jean Michel Adam (1999), como uma construção predominantemente narrativa em que se apresenta uma personagem em uma rotina que sofre um desequilíbrio/conflito¹⁵, a

¹⁵ Jean Michel Adan cria a noção de Esquema Quinário para apresentar a forma como as narrativas se desenvolvem: 1 - Uma situação inicial que apresenta o personagem e sua rotina, ambiente e tempo; 2 – Conflito/problema, situação que desequilibra a vida deste personagem; 3 - Dinâmica de Ação, representando as diversas atitudes tomadas para resolver o conflito; 4 - Solução: o momento em que

narrativa gráfica possui suas próprias maneiras de apresentar o personagem, espaço e tempo.

Eisner, ao falar da relação entre palavra e imagem na arte sequencial, coloca que a proporção entre as duas não é definida, mas que se pode pensar o papel da imagem como “visual” ou como “ilustração”:

Defino visual como uma série ou sequência de imagens que substitui uma passagem que seria descrita apenas por palavras. A ilustração reforça (ou ornamenta) uma passagem descritiva. Simplesmente *repete* o texto escrito. É o visual que funciona como a mais pura forma de arte sequencial, porque, ao lidar com a questão da narração, procura empregar como linguagem uma mistura de letras e imagens. (EISNER, 1995 p. 132)

A definição de Eisner para quadrinhos como arte sequencial foi ampliada por Scott McCloud (2005, p.09), numa tentativa de ser mais específico quanto ao gênero: “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”.

Neste sentido, *graphic novels* de várias páginas ou tirinhas de 2 ou três 3 quadros se encaixam na mesma categoria por terem uma sequência não aleatória e o propósito de narrar uma história ou uma cena.

Por um lado, essa definição possa ser abrangente, por outro ela traz algumas limitações interessantes: a sequência e o objetivo narrativo. Esses dois traços são importantes, pois permitem estabelecer inter-relação entre palavras e imagens de forma muito mais intrínseca do que uma charge ou *meme*¹⁶ (que apresenta ironia e sátira intertextuais), ou de *mashups*¹⁷ e propagandas, que possuem uma gama muito maior de abstração e subentendidos. Numa época de “entendedores entenderão” nos discursos da internet, a narrativa gráfica quer ser entendida e quer que imagem e palavra trabalhem juntas para isso.

Uma prova disso é a estrutura da arte sequencial. Tanto Eisner quanto McCloud apontam para as possibilidades criativas dos quadrinhos, mas também colocam bases de como uma narrativa visual funciona. Enfoque, enquadramento, sarjeta, direção da

o conflito se resolve e 5 - Situação Final que representa o retorno ao equilíbrio e desfecho da trama. Assim, todas as histórias giram em torno de um conflito/desequilíbrio da situação do personagem ou uma quebra de expectativa da situação (muito comum no humor).

¹⁶ *Memes* da internet: em seu sentido coloquial, são imagens, *gifs* ou vídeos manipulados a partir de trocadilhos, ironias ou frases icônicas de um evento original para criar humor. São viralizados (extremamente difundidos) pela internet e tem seu significado atrelado a sua situação de produção.

¹⁷ *Mashups*: são obras de releitura que fundem personagens de universos diferentes. Exemplo: Homer Simpson (personagem do seriado *Os Simpsons*) desenhado como homem virtruviano de Da Vinci.

leitura, progressão temporal e espacial, luz e sombra, detalhamento, corte e espaço negativo são elementos condutores, influenciadores e direcionadores da leitura imagética. A construção da personagem também é visual e segue os objetivos da narrativa: quanto mais detalhada a personagem, mais específica ela é, já o uso de traços simplificados e comuns a várias personagens passa a ideia de generalidade e caricatura.

Figura 1 – Composição de personagem em HQs



Fonte: McCloud (2005 p. 32)

Para a análise pretendida, que buscará se ater aos aspectos verbais da narrativa, recorro como significativo os conceitos de progressão da narrativa quadro a quadro de McCloud. Um dado importante, e não ortodoxo na academia, é que autor faz toda a sua obra teórica em quadrinhos, usando o próprio gênero como metalinguagem. Assim, as imagens abaixo trazem os conceitos dos seis tipos de progressão narrativa definidos pelo autor.

Figura 2 – Transição quadro-a-quadro em HQs



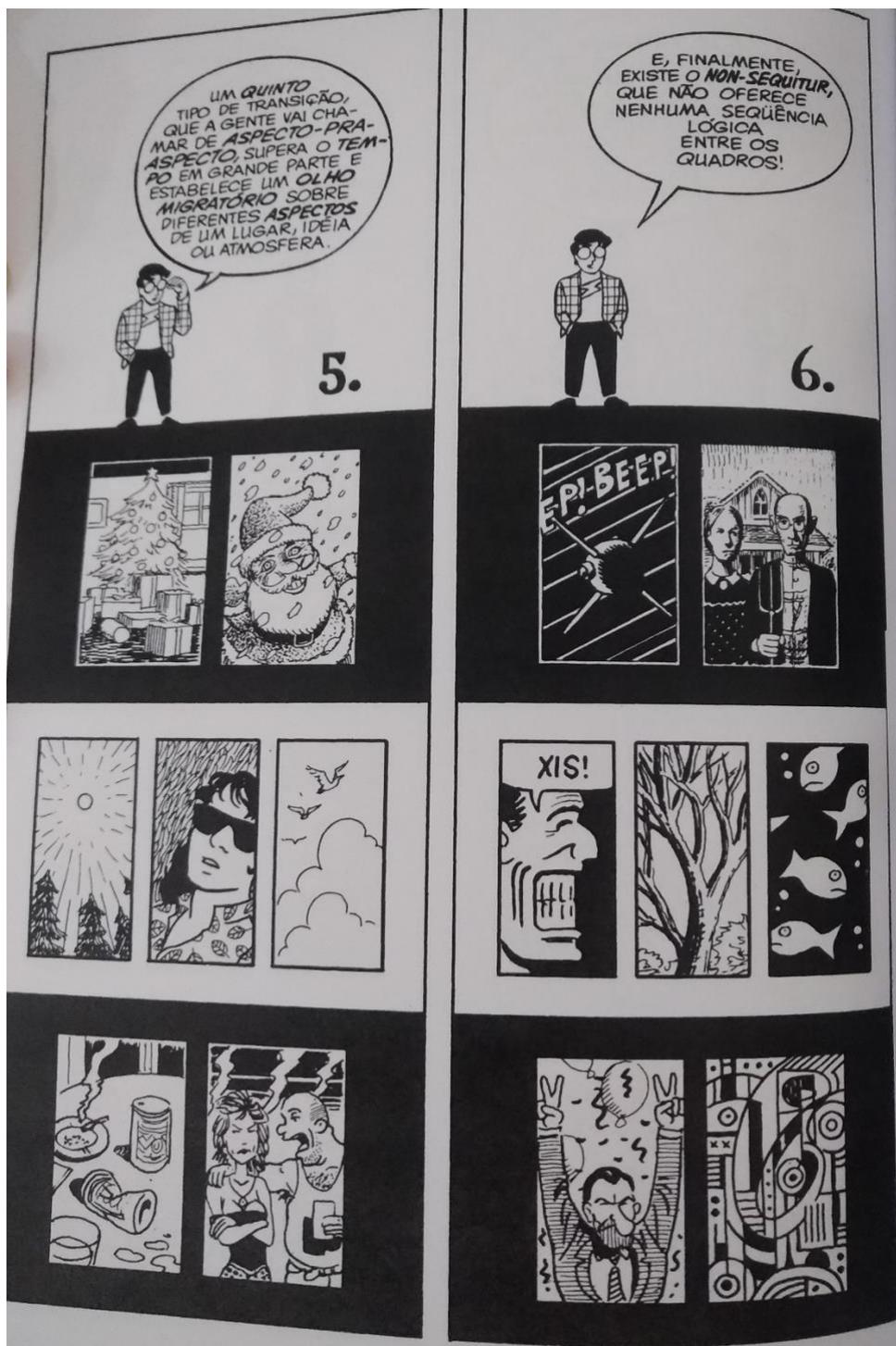
Fonte: McCloud (2005 p. 70)

Figura 3 – Transição quadro-a-quadro em HQs



Fonte: McCloud (2005 p. 71)

Figura 4 – Transição quadro-a-quadro em HQs



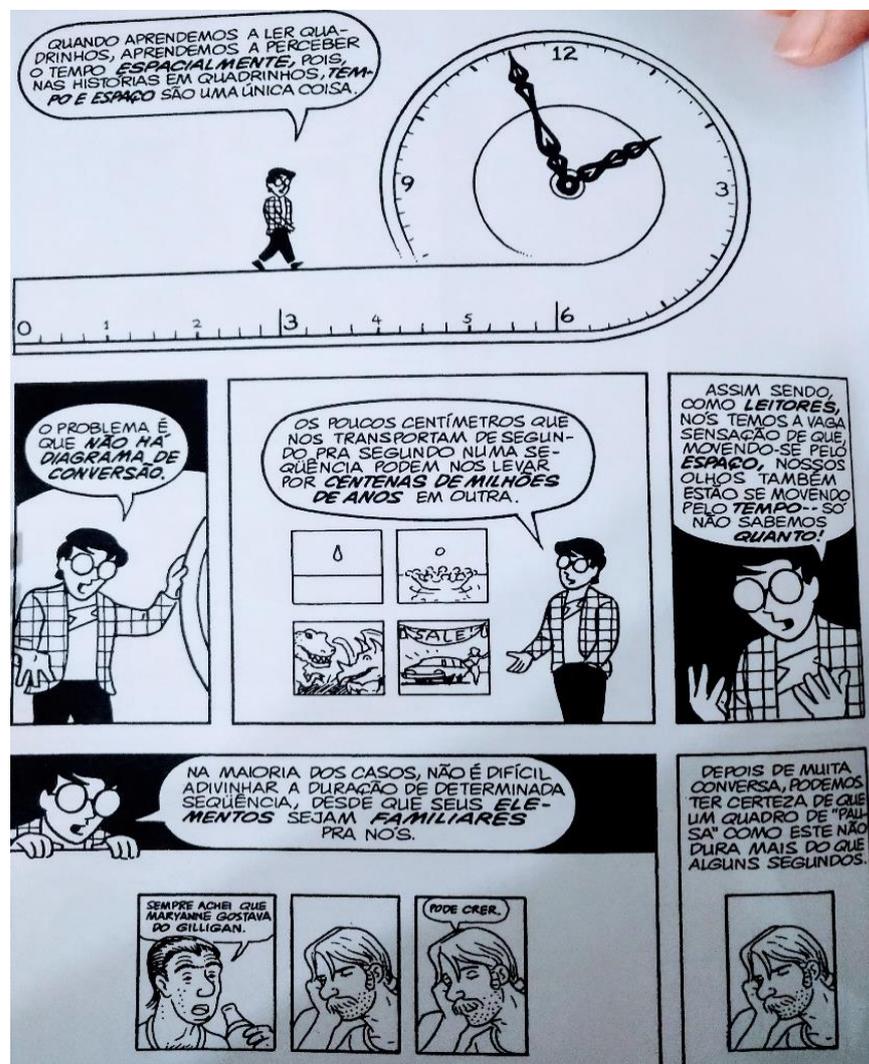
Fonte: McCloud (2005 p. 72)

Como é possível observar nos cinco primeiros aspectos, a progressão de uma história em quadros pode guiar-se por diferentes aspectos ligados à história, alguns exigindo maior complexidade na leitura do que outros.

Em relação ao sexto tipo, McCloud (2005) reporta que não acredita numa sequência totalmente aleatória de quadros. Para ele, o decorrer da sequência ou o subentendido da trama sempre dará sentido à combinação, por mais dissonante que pareça. Isso é corroborado pela própria ideia de arte sequencial, pois a completa falta de sequência anularia a definição do discurso como HQs.

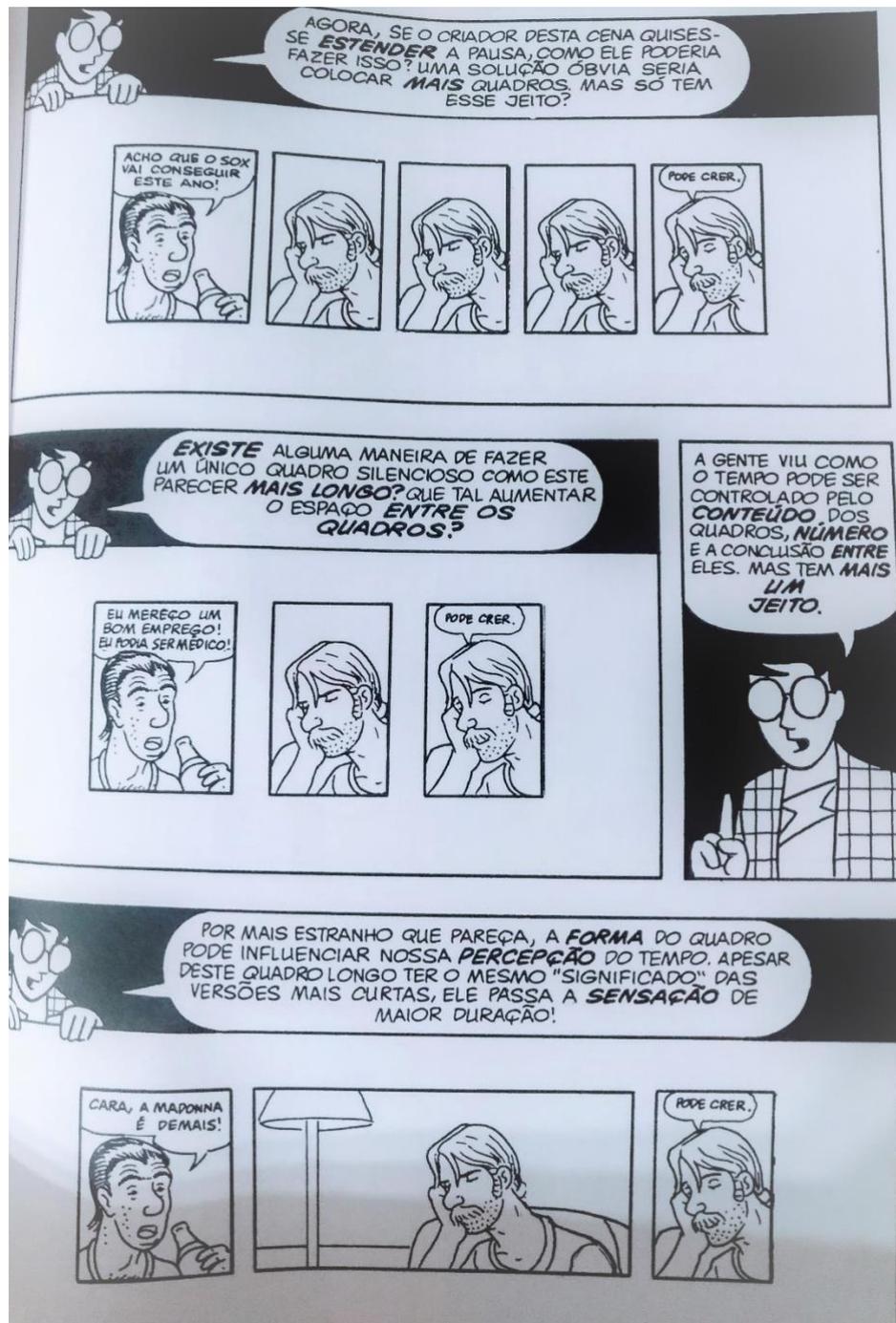
Outro ponto interessante de ressaltar é como funciona a marcação de tempo e espaço nessas narrativas. Embora seja possível usar a marcação de tempo escrita verbalmente, muitos quadrinhos, especialmente tirinhas, se valem de recursos visuais para marcar tempo.

Figura 5 – Transição de tempo em HQs



Fonte: McCloud (2005 p. 100)

Figura 6 – Transição de tempo em HQs



Fonte: McCloud (2005 p. 101)

A progressão narrativa e tempo/espacial, além de serem duas dimensões que se fundem no visual, como o autor colocou, são elementos significativos para esse trabalho. Eles aparecem marcados na sequência das histórias em quadrinhos e auxiliam na construção de sentido do discurso, uma vez que toda história progride dentro desse sistema não importa o seu teor.

Para uma leitura bem-sucedida, torna-se necessário observar a progressão da narrativa a partir da mudança de tema dos quadros, o espaço/tempo pelo formato e a continuidade e espaçamento dos quadrinhos.

Os dois pontos de progressão elencados parecem, num primeiro momento, serem suficientes para dar suporte à análise linguística das obras. Porém, só a verificação empírica mostrará o quanto há de interferência entre os elementos imagem e palavra e o quanto se pode observar o discurso verbal dos quadrinhos e tiras com autonomia.

5. QUADRINHOS, POLIFONIA E COMPREENSÃO

Embora não usual, gostaria de começar com uma pergunta ao meu leitor: Em que momento da sua formação escolar você foi ensinado a ler textos visuais? Temos muitas memórias do nosso aprendizado de leitura. Lembramos dos textos curtos e, muitas vezes, simplórios, usados na alfabetização; lembramos de ter aprendido que existem personagens, tempo e espaço, uma tese em textos argumentativos, mas em que momento das aulas de Língua Portuguesa nos foi ensinado sobre a progressão de uma narrativa gráfica ou sobre como o texto imagético interage com o verbal?

A verdade é que, justamente por pertencer a um limbo em que o verbal e o não verbal¹⁸ se encontram, textos como histórias em quadrinhos e tiras raramente têm sua totalidade de sentido explorada por professores de língua, mesmo que estejam presentes em quase todo material didático, e gêneros multissemióticos, de maneira geral, representem uma boa parte da comunicação na chamada “Era Digital”.

Observando os livros didáticos de Ensino Fundamental percebe-se um apelo muito grande à linguagem visual em cores, ilustrações e uso de discursos multissemióticos em suas atividades. Esse uso não é despropositado. Tanto a BNCC, quanto nossa prática leitora cotidiana evidenciam a proliferação desses textos “híbridos” na comunicação. Some-se a isso o fato de que, muitas vezes, na produção de material didático, buscando uma análise situada em um texto, ao invés de palavras e frases soltas, usam-se discursos curtos, muitas vezes com propósitos puramente gramaticais.

Um dos gêneros mais utilizados nesse sentido é a *tira* que, por sua capacidade de síntese de elementos, torna-se muito atrativa como texto adicional de sequências didáticas ou para exercícios de tópicos isolados de morfologia e sintaxe. Esse uso secundário da tira como uma leitura “extra” curta, para questionamentos de elementos morfossintáticos extraídos de um discurso, ou seja, com toda a carga enunciativa do uso daquele elemento marcada, faz dela um dos gêneros mais abundantes nos livros, mas com muito pouco questionamento sobre seu sentido.

¹⁸ Nesse trabalho, o *não verbal* restringe-se ao texto visual, visto o estudo voltado para compreensão de narrativas gráficas.

Entre os pontos mais comuns dessa prática está o não questionamento da progressão visual e espacial da história, do enredo da tira e a pressuposição de que o aluno já conhece personagens e ambientações de tiras famosas, não precisando de introdução. Ou seja, ao assumir que os usuários da sequência didática têm proficiência na leitura de tiras, muitos materiais negligenciam o estudo desses discursos do ponto de vista semântico-enunciativo.

Para preencher essa lacuna e repensar essas práticas de ensino, visando a compreensão leitora é necessário, primeiramente, observar como o discurso das histórias em quadrinhos pode ser analisado pela Teoria da Polifonia.

5.1 EXEMPLOS DE ANÁLISE DE QUADRINHOS

A análise do texto narrativo das histórias em quadrinhos e tiras pela *Teoria da Polifonia* requer a distinção entre *locutor* e *enunciador*. Segundo Ducrot (1987), o *locutor* expressa a posição de enunciadores, que podem ou não ser assumidos por ele. Esses enunciadores têm o dito expresso sem, no entanto, ter seu posicionamento assumido no discurso. Assim, há a relação dos enunciadores apresentados pelo locutor, que seriam uma espécie de pontos de vista secundários.

O que quero dizer é que os personagens (locutores) dialogam entre si e explicitam sua fala em diferentes enunciadores em cada cena de uma história. Porém a HQ ou tirinha tem a totalidade de sentido do discurso constituído na relação dos locutores com os enunciadores que mobilizam a cada enunciado. Ducrot comenta, em seu artigo *Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação*, que o locutor pode convocar seres determinados ou não, em seu enunciado, como origem de certos enunciadores:

[...]o locutor tem dois tipos de relação com os enunciadores que ele põe em cena em seu enunciado, e que são as origens dos pontos de vista expressos. De um lado, ele os assimila a seres determinados, ou mais freqüentemente indeterminados e caracterizados só de modo geral. A assimilação é feita, por exemplo, com um ser determinado quando se diz “eu me sinto cansado”: dá-se a si mesmo como origem do ponto de vista segundo o qual se está cansado. É ainda o caso, mas talvez menos nitidamente, quando se diz “segundo meu médico, estou cansado”. Parece também aí que o julgamento de cansaço é atribuído a alguém preciso, embora o essencial seja menos a identidade do médico do que sua função. Ducrot (2008, p. 07).

Na obra *O dizer e o Dito* (1987), o semanticista também coloca que, ao fazer humor e ironia, muitas vezes o locutor aciona enunciadores absurdos em relação aos demais, não assumindo responsabilidade sobre eles e justamente por isso constituem o humor ou a ironia. Esse jogo pode ser feito por meio da fala de diferentes personagens, criando situações de ambiguidade para causar o humor como se pode notar nas análises a seguir.

Análise polifônica da HQ (01):

Figura 7 - Tirinha Armandinho v. 7



Fonte: Beck (2018, p. 48).

Locutor 1- Mãe

E(1): *Tomou o café, filho?*

E₁: *o filho toma café da manhã em t₁*¹⁹

E₂: *o filho não toma café da manhã em t₁*

L(1): aceita E₁ e E₂.

Locutor 2 – o filho

E(2): *Não.*

E₁: *o filho não toma café da manhã em t₁*

E₂: *o filho toma café da manhã em t₁*

L(2): aceita E₂ e assume E₁.

¹⁹ A variável *t* representa *tempo* e a numeração indica a sucessão temporal dos eventos.

Locutor 1- Mãe

E(3): *O seu pai não lhe deu café?*

E₁: *o pai serve o café da manhã em t₀*

E₂: *o pai não serve o café da manhã em t₀*

L(1): aceita E₁ e assume E₂.

Locutor 2 – o filho

E(4): *Não.*

E₁: *o pai não serviu o café da manhã em t₀*

E₂: *o pai serviu o café da manhã em t₀*

L(2): assume E₁ nega E₂.

Locutor 2- o filho

E(5): *deu suco, pão, banana e uma fatia de mamão²⁰...*

E₁: *o pai serviu suco, pão, banana e uma fatia de mamão em t₀*

L(2): assume E₁.

Locutor 2- o filho

E(6): *... café, não*

E₁: *meu pai não me deu café em t₀*

E₂: *meu pai me deu café em t₀*

L(2): assume E₁ e nega E₂.

²⁰ Escolhi considerar como um enunciado só a repetição de elementos para otimizar a análise e porque explicitar seus enunciadores não afetaria a atitude do locutor.

A HQ (1) coloca em cena dois personagens, o Locutor 1, representado pela mãe e o Locutor 2, na figura do filho. Cada um deles assume uma postura distinta sobre os enunciadores, criando o humor a partir dessa divergência de posturas em relação ao sentido do primeiro enunciado: *Tomou café, filho?*

A Locutor 1, mãe, aceita E_1 e E_2 no primeiro quadrinho, visto que é uma interrogação com as duas possibilidades de resposta. A partir da negação do Locutor 2 no primeiro quadro, a mãe assume o E_2 e questiona novamente, perguntando sobre o pai ter servido café da manhã ao filho, aceitando E_1 e E_2 como possibilidades de resposta. O personagem do filho nega, assumindo E_2 : *o pai não serve o café da manhã em t_0* e faz nova interação no quadro seguinte. O filho, então, assume E_1 do $E(5)$, aceita E_1 e nega E_2 do enunciado (6), mostrando que seu entendimento sobre o primeiro questionamento $E(1)$: *Tomou o café, filho?* era sobre a bebida, não sobre o desjejum..

Análise polifônica de HQ 02:

Figura 8 - Malvados



Fonte: Dahmer (2019, p. 182).

Locutor 1 – $E(1)$ *a internet promoveu a volta do escambo*

E_1 – *a internet promove coisas*

E_2 – *o escambo existia*

E_3 – *o escambo voltou*

E_4 – *a internet promoveu o retorno do comércio por troca*

$L(1)$: aceita E_1 , E_2 e E_3 assumindo E_4 .

Locutor 2 – E(2) *O que as pessoas costumam trocar na internet?*

E₁ - *as pessoas trocam coisas*

E₂ - *as trocas ocorrem na internet*

E₃ – *existem trocas mais comuns que outras*

E₄ - *o que as pessoas costumam trocar na internet?*

L(2): aceita E₁, E₂, e E₃ assumindo E₄.

Locutor 1 – E(3) *insultos e acusações*

E₁ - *a internet promove o comércio por troca*

E₂ - *pessoas podem trocar insultos e acusações*

E₃ - *as pessoas costumam trocar de insultos e acusações na internet*

L(2): aceita E₁ e E₂ assumindo E₃.

Os dois personagens dialogam no quadrinho da Figura 7. Os elementos visuais neste caso, estão apenas mostrando a interlocução dos personagens, marcando seus momentos de fala. O humor da tira acontece pela afirmação do Locutor 1 sobre a volta do escambo (antigo comércio por troca de elementos, sem moeda) a partir da popularização da internet. O locutor (2) aceita que o escambo seja o comércio por troca de coisas entre as pessoas, mas assume E₅, questionando o que as pessoas estão trocando mais rotineiramente na rede. A posterior afirmação de L1 é que as trocas entre as pessoas são de insultos e acusações em E₃. O humor e a crítica social da tira são feitos pela afirmação de que a internet permite a troca entre as pessoas, mas o que é principalmente trocado são ofensas.

Análise polifônica de HQ 03:

Figura 9 – Tirinha Malvados



Fonte: Dahmer (2019, p. 07).

Locutor 1

E(1): *é um mundo terrível*

E₁ - *o mundo é terrível*

L(1): assume E₁.

Locutor 1

E(2): *as pessoas não sabem mais o que é carinho*

E₁ - *as pessoas sabiam o que era carinho em t₀*

E₂ - *as pessoas não sabem o que é carinho em t₁*

E₃ - *as pessoas sabem o que é carinho em t₁*

L(1): aceita E₁, assume E₂ e nega E₃

Locutor 2

E(3): *carinho é o diminutivo de caro*

E₁ - *carinho é uma palavra no diminutivo*

E₂ - *carinho é o diminutivo de caro*

E₃ - *o significado de carinho é ser diminutivo de caro*

L(2): aceita E₁ e E₂ assumindo E₃.

Nessa tira dois personagens dialogam sobre as relações na atualidade. Após determinar em E(1) que *o mundo é terrível*, o Locutor 1 faz nova afirmação em E(2): *as pessoas não sabem mais o que é carinho*. Suas atitudes são as de aceitar E₁ e E₅,

assumindo E₂. Ou seja, para L(1) as pessoas não sabem demonstrar afeto na atualidade, pois nega E₃. O locutor L(2) em E(3) *carinho é o diminutivo de caro* aceita E₁ e E₂ assumindo E₃. O L(2) está respondendo à intervenção de L(1) sobre atualmente as pessoas não saberem o que é carinho. O humor no diálogo acontece pela resposta de L2, afirmando que carinho é diminutivo de caro, acionando um enunciador esdrúxulo ao contexto.

Para a próxima análise selecionou-se um discurso da antologia de quadrinhos *Amor é Amor*, organizada por Mark Andreyko (2017). A obra é uma coletânea de histórias que discute o preconceito LGBT, a intolerância e a questão do armamento nos EUA. O livro foi escrito por diversos autores em homenagem aos 49 mortos da boate *Pulse*, na Flórida, após a entrada de um atirador suicida. O quadrinho abaixo não possui título e traz uma reflexão sobre a questão do consumo de armas nos Estados Unidos.

Análise polifônica de HQ 04:

Figura 10 – HQ Amor é Amor



Fonte: Andreyko (2017, p. 20-21).

E(1) Facas são usadas para cozinhar, comer, fazer sapatos e procedimentos cirúrgicos

E₁ - facas possuem diversas utilidades

E₂ - facas são usadas para cozinhar

E₃ - facas são usadas para comer

E₄ - facas são usadas para fazer sapatos

E₅ - facas são usadas para procedimentos cirúrgicos

L – Aceita E₂, E₃, E₄ e E₅ e Assume E₁.

E(2) Cordas são usadas para cestas, balanços, escalar montanhas e pegar peixes

E₁ - cordas possuem diversas utilidades

E₂ - cordas são usadas para cestas

E₃ - cordas são usadas para balanços

E₄ - cordas são usadas para escalar montanhas

E₅ - cordas são usadas para pegar peixes

L – Aceita E₂, E₃, E₄ e E₅ e Assume E₁.

E(3) Cianeto é usado para mineração, limpeza de joias, fumigação de navios e pesquisa vascular

E₁ - cianeto possui diversas utilidades

E₂ - cianeto é usado para mineração

E₃ - cianeto é usado para limpeza de joias

E₄ - cianeto é usado para fumigação de navios

E₅ - cianeto é usado para pesquisa vascular

L – Aceita E₂, E₃, E₄ e E₅ e Assume E₁.

E(4) Explosivos são necessários para remoção de árvores, soldagem de metais, fogos de artifício e sinalizadores

E₁ - explosivos possuem diversas utilidades

E₂ - explosivos são necessários para remoção de árvores

E₃ - explosivos são necessários para soldagem de metais

E₄ - explosivos são necessários para fogos de artifício

E₅ - explosivos são necessários para sinalizadores

L – Aceita E₂, E₃, E₄ e E₅ e Assume E₁.

E(5) Mãos humanas escrevem sinfonia e poesia. Acalmam fronteiras tensas e fazem bons negócios. Pintam quadros para pais e obras-primas atemporais

E₁ - mãos humanas executam diversas atividades

E₂ - mãos humanas escrevem sinfonia e poesia

E₃ - mãos humanas acalmam fronteiras tensas

E₄ - mãos humanas fazem bons negócios

E₅ - mãos humanas pintam quadros para pais e obras-primas atemporais

L – Aceita E₂, E₃, E₄ e E₅ e Assume E₁.

E(6) a arma só tem um uso

E₁ - *a arma possui uso*

E₂ - *armas só tem uma função*

L - Aceita E₁ e Assume E₂.

E(7) *e os Estados Unidos têm trezentos milhões delas*

E₁ - *os Estados Unidos possuem armas*

E₂ - *os Estados Unidos possuem trezentos milhões de armas*

L - Aceita E₁ e assume E₂.

Na HQ é feita uma enumeração de diversos usos úteis e cotidianos de materiais que podem ser usados com intuítos violentos, como armas (venenos, explosivos, facas e cordas). O locutor aceita as diversas possibilidades de uso desses materiais e assume os enunciadores que enumeram exemplos de seu uso inofensivo (E₂) nos enunciados 1 ao 5. As imagens reforçam esse uso “pacífico” dos elementos descritos, servindo de ilustração para o verbal. Ao chegar no E(6) porém, a postura do narrador muda. Nesse caso, o locutor não assume verbalmente para que serve a arma, deixando o único uso das armas em aberto na parte escrita. As imagens, mostrando a indústria de armas e um atirador puxando o gatilho, dão pistas desse único uso, com o não verbal deixando de ser ilustrativo para expandir a reflexão do discurso verbal, terminando por retratar o mapa dos EUA feito das milhares de armas que o país possui.

A crítica do quadrinho é sobre a indústria armamentista americana. Nesse caso o que não é dito explicitamente, mas é entendido ao longo do discurso, também importa para concluir o enunciado E(6) que deixa em aberto o único uso da arma. Todos os elementos com diferentes utilidades descritas são instrumentos que podem ser usados como armas. Facas, venenos, explosões, cordas e as próprias mãos podem ser instrumentos de violência. Esse é único uso que conecta essa seleção de elementos e é o único não descrito. Às armas, que só possuem um uso, reserva-se aquele omitido nas demais descrições: a de ser um instrumento de morte.

5.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ENSINO DA COMPREENSÃO LEITORA

Embora a análise polifônica e de estética da narrativa visual de McCloud possa parecer exaustiva, ela é necessária para que se pense o como promover exercícios satisfatórios para a construção de sentido desses discursos. Não se pretende aplicar diretamente essas análises em ensino, mas a partir delas, podemos ter mais clareza de que elementos são necessários ressaltar para criação de atividades mais objetivas para os estudantes.

Como citado anteriormente, a transposição didática é uma ferramenta necessária ao pensarmos não apenas na descrição semântica, mas também em seu uso para qualificação da compreensão leitora. Segundo Chevallard,

Um conteúdo de saber que tenha sido definido como saber a ensinar, sofre, a partir de então, um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O 'trabalho' que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado de transposição didática. (CHEVALLARD, 1991, p.39).

A transposição não é uma simplificação do conteúdo, mas uma adaptação às necessidades de aprendizagem, ou seja, uma transformação desse saber objetivando o ensino.

Em seu artigo *Polifonia linguística: uma proposta de transposição didática para o ensino da leitura*, Azevedo (2016) repensa o conceito de transposição didática de Chevallard, argumentando que o ensino de língua possui particularidades para adaptação.

Diferentemente de disciplinas curriculares como História, Geografia, Biologia, Química que pressupõem uma aprendizagem voltada à formação de conceitos, a aprendizagem de língua, materna e/ou estrangeira, exige o desenvolvimento de habilidades. De que adianta formar conceitos como os de língua, frase, verbo, advérbio para aprender a usar uma língua de forma oral e escrita? (AZEVEDO, 2016, p.76).

Essa distinção entre o ensino de habilidades e de conceitos é o que diferencia o pensar a transposição didática para a aquisição de língua. O desenvolvimento de habilidades é considerado pela autora na perspectiva de Pozo (2002) como a aprendizagem de procedimentos, um "saber fazer".

Não me parece haver como ensinar alguém a dirigir um automóvel ou a cozinhar, por exemplo, sem que se seja um motorista ou um cozinheiro habilidoso, visto que, para o desenvolvimento de habilidades, falar sobre elas ou sobre o que se deve fazer para desenvolvê-las não é suficiente, nem necessário. A título de evidência basta observarmos a aprendizagem oral da língua materna: como uma criança aprenderia a falar e a compreender o que outros falantes dizem se estes não fossem minimamente proficientes no uso dessa língua. (AZEVEDO, 2016. p.77).

Pensando a perspectiva do ensino de habilidades para proficiência em leitura e escrita, Azevedo (2016) afirma que a transposição didática para a área de línguas não se atém somente a adaptação do conhecimento científico, buscando simplificá-lo “é mais do que isso, trata-se de transformar uma teoria científica em “instrumento” para o desenvolvimento de habilidades.” (2016, p.77). Essa *transformação didática* do saber científico em ferramenta para desenvolvimento de habilidades é a proposta aqui seguida ao pensar a Teoria da Polifonia para descrição do discurso de HQs.

Os conceitos da Teoria da Polifonia pertencem ao linguista, não ao usuário de língua, porém o uso dessa análise como ponto de partida para criação de material didático é muito significativo, pois trabalha com os elementos do enunciado e possibilita uma varredura analítica do discurso.

Por que escolher uma teoria como essa para trabalhar com quadrinhos? Hora, porque ela permite fazer análises como as mostradas anteriormente, evidenciando as possibilidades de sentido e a posição do locutor.

Retomando os quadrinhos da **Figura 7**, observa-se que os enunciadores e a posição do locutor podem ser mostrados a partir de perguntas visando à compreensão do sentido do discurso.



Fonte: Beck (2018, p. 48).

- a) O que a mãe pergunta ao filho no primeiro quadrinho?
- b) Qual o sentido de café na pergunta da mãe?

- c) O personagem do filho entende café da mesma maneira que a mãe? O que evidencia isso?

As questões elaboradas visam tornar evidente os diferentes enunciadores assumidos pela mãe e pelo filho ao se referirem a “tomar café”. Visto que o humor da tira é construído pela confusão entre “tomar o desjejum” e “beber café”.

Em relação a HQ da **Figura 10** pode-se pensar em questões como:

Faça a leitura do texto abaixo e responda as questões propostas:



Fonte: Andreyko (2017, p. 20-21).

- a) Quais são os instrumentos que possuem diversos usos no quadrinho?
- b) Que usos de facas, cordas, cianeto, explosivos e mãos humanas são descritos?

- c) *Observe a imagem representando as descrições dos primeiros cinco quadros. Os usos desses instrumentos estão ligados à violência?*
- d) *Que instrumento só possui um uso?*
- e) *Pode-se utilizar os instrumentos descritos nos 5 primeiros quadros como armas?*
- f) *Existe alguma relação entre os instrumentos retratados na HQ? Qual?*
- g) *Observando as imagens, você consegue deduzir qual o único uso da arma?*
- h) *Analisando os 3 últimos quadros, o que é afirmado sobre a utilidade e a quantidade das armas nos EUA?*

As questões *A* e *B* levam os alunos a identificar os diversos enunciadores²¹ aceitos pelo locutor nos cinco primeiros quadros assim como o enunciador assumido, de que cada instrumento possui vários usos: *E*₁. A questão *D* e *E* remetem a postura do locutor assumida no *E*₂ do Enunciado (6) e auxiliam na percepção da relação entre os usos dos instrumentos como arma. As questões *C*, *F* e *H* focam na relação entre as posições assumidas pelo locutor na construção do discurso:

*E*₁ - *facas, cordas, cianeto, explosivos e mãos humanas possuem diversas utilidades*

*E*₂ – *armas possuem só uma função/utilidade*

*E*₂ - *os Estados Unidos possuem trezentos milhões de armas*

A questão *C* e *G* remetem ao discurso visual. Embora não faça parte da análise polifônica é pertinente à construção de sentido do discurso da HQ a percepção da violência ligada ao uso das armas que é evidenciada pelo contraste visual.

Independentemente da análise semântica se ater ao discurso verbal, a compreensão de quadrinhos requer a observação de aspectos visuais pela própria natureza multissemiótica do discurso de HQs. Assim, a elaboração de atividades visando à compreensão leitora deve observar aspectos linguísticos, mas também a princípios básicos de construção da narrativa, como os elencados por McCloud e Eisner.

Ducrot e Carel (2008, p. 18) já ressaltam a importância do discurso para a Teoria da Argumentação na Língua:

²¹ Análise desenvolvida na página 46.

De fato, esse apelo ao trabalho com textos nos parece estar no próprio espírito da semântica polifônica. Esta, insistiremos nisso para concluir, impõe, ainda mais do que qualquer outra forma de semântica, que se olhem as utilizações reais das frases, que se confronte a língua ao discurso. De fato, os próprios conceitos de que se serve a polifonia, enunciador, locutor, atitude, encenação, não podem ter nenhuma realidade na língua mas apenas na transformação da língua em discurso – até mesmo se essa transformação é guiada pela língua. Dá-se, aliás, o mesmo numa semântica argumentativa se, como faz a TBS, entende-se por “argumentação” um certo tipo de encadeamento discursivo. Afirmamos de fato que tais argumentações constituem a significação das entidades da língua. A determinação das significações linguísticas só é, portanto, possível pela consideração sistemática do discurso: é no discurso que estão situados os encadeamentos argumentativos que a língua reúne nas suas significações.

Ou seja, é no discurso que a interrelação dos conceitos pode ser observada, é nele que o sentido se manifesta. No caso das HQs, é necessário olhar para as particularidades de suas produções multissemióticas para entender como seu sentido é produzido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora seja um trabalho inicial, acredito que as análises demonstrem alguns pontos pertinentes. A relação entre linguagem visual e verbal nos quadrinhos é bastante diversificada e afeta diretamente a compreensão do leitor.

As HQs e as tiras, mais especificamente, são discursos marcados pela compactação, a qual se relaciona com a sintetização de elementos e uso de estereótipos, assemelhando-se com o estilo textual de piadas e causos, que situam o leitor por meio de um contexto conhecido, reduzindo a necessidade de detalhamento da cena, dos personagens e de suas atitudes.

Outro ponto é a questão do visual nas HQs orientar o leitor quanto a falas, personagens, ações e, como visto anteriormente, espaço e tempo. A economia descritiva nessas narrativas pode ser gigantesca, embora dependa do propósito e da capacidade do autor de construir relações entre as diferentes linguagens ao contar uma história.

Dois exemplos de discursos com hibridismo entre linguagem visual e verbal vão ajudar a exemplificar as diferentes possibilidades de relação entre as linguagens em histórias em quadrinho. As duas imagens abaixo mostram extremos opostos da composição gráfica, a primeira é ilustrativa enquanto a segunda utiliza a imagem como parte da construção de sentido.

Na imagem da **Figura 11** observa-se a tira de Andre Dahmer da série Malvados, na qual faz uma crítica a como as pessoas interagem no mundo contemporâneo, focando principalmente, na relação do indivíduo com a tecnologia e as redes sociais. Seus personagens, justamente por se tratar de epítetos do comportamento nesses novos tempos, não têm nome, um recurso linguístico para generalização, nem feições definidas, um recurso gráfico para generalização²².

A leitura dessa série de tirinhas, de maneira geral, demanda muito mais do componente linguístico, sendo o visual usado apenas como ícone para marcação das pessoas no diálogo.

²² A simplificação dos traços como forma de generalização na criação de narrativas gráficas também é descrita por McCloud 2005.

Figura 11 – Tirinha Malvados



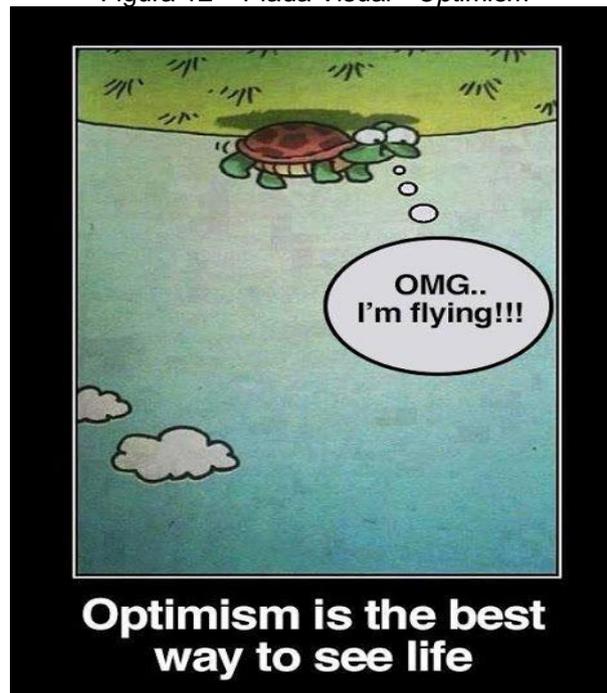
Fonte: Dahmer (2019 p. 196)

Enquanto o quadrinho de Dahmer (2019) utiliza o visual para constituição da referência no diálogo, deixando grande parte da constituição de sentido para o elemento linguístico, outras construções podem apelar muito mais para a inter-relação das linguagens.

A imagem da **Figura 12** exemplifica isso ao retratar uma tartaruga pensando "*Meu deus.. Estou voando!!!*"²³ com o enunciado-título na base inferior "*Otimismo é a melhor forma de enxergar a vida*"²⁴. A piada só completa o sentido ao observar a construção do elemento não verbal: a tartaruga caída com o casco virado para o chão, numa posição "difícil de levantar", acha que está voando ao ver o mundo de cabeça para baixo, tendo o céu como sua nova referência para visão. Outro ponto relevante para construção da leitura visual é que a própria cena é desenhada, para que o leitor tenha o mesmo ponto de vista da tartaruga, ou seja, o desenho está posto de ponta-cabeça.

²³ Tradução minha.

²⁴ Tradução minha.

Figura 12 – Piada Visual - *Optimism*

Disponível em: <https://pin.it/2VjKS3M>

Não cabe neste trabalho discutir com profundidade essas relações, mas penso ser importante citar tais reflexões ligadas ao processo criativo de quadrinhos, pois elas vão interferir diretamente na complexidade de leitura dessas obras. Como percebemos nos exemplos das Figuras 11 e 12 a relação entre discurso verbal e não verbal para constituição de sentido pode ser de simples referência a determinados elementos ou muito mais imbricada, demandando do leitor uma maior atenção à análise dos elementos verbais e visuais, assim como uma sintetização do que está evidenciado nas duas linguagens para construção de sentido. Isso representa quatro proposições importantes observadas no decorrer deste trabalho:

- O discurso multissemiótico das HQs é feito pela interação de elementos visuais e verbais;
- a Teoria da polifonia consegue descrever do sentido do discurso verbal das HQs com o visual apenas ilustrativo;
- mesmo quando ilustrativo, os elementos visuais das HQs indicam personagem, espaço e tempo da narrativa.

- o estudo do sentido desses discursos visando à compreensão leitora necessita que se pense uma análise do elemento linguístico, como também de elementos de análise do componente visual;
- os quadrinhos podem ter diferentes graus de complexidade de composição gráfica, demandando do leitor diferentes níveis de proficiência em leitura;
- a Teoria da Polifonia mostra-se significativa para construção de material didático visando a compreensão leitora das HQs.

Observa-se também que o caráter meramente ilustrativo é dificilmente observável, principalmente em tiras, onde há uma grande economia de elementos pela sua natureza sucinta. Mesmo em discursos que à primeira vista parecem ter o visual apenas como referência ao verbal como o quadrinho da **Figura 10**, nota-se, por meio da análise polifônica, que alguns elementos visuais são importantes para a construção de sentido.

A *Teoria da Polifonia* é bastante promissora para pensar na compreensão analítica dos discursos das HQs e, após análise dos quadrinhos utilizados no estudo, percebe-se que ela tem capacidade de evidenciar o sentido linguístico em quadrinhos onde o visual apenas ilustra personagem e passagem de tempo. Porém, pelo caráter multissemiótico dessas narrativas, essa análise precisa de suporte que dê conta do elemento visual, no caso McCloud (2016) e Eisner (1995).

A pesquisa demonstrou que o sentido do discurso das HQs e tiras contendo o não-verbal de forma ilustrativa é possível pela Teoria da Argumentação na Língua, assim como também é possível transformar didaticamente as análises em atividades que possam contribuir para o desenvolvimento da compreensão leitora analítica desses discursos. Esses objetivos eram passos necessários para o desenvolvimento de análises e pesquisas que possibilitem a descrição semântica do texto multissemiótico dos quadrinhos.

Mesmo tendo utilizado de elementos para análise visual a partir de autores de narrativa sequencial como Eisner e McCloud, questiono se o discurso não verbal também é passível de orientação argumentativa, ou seja, há possibilidades de *operadores* que orientem a leitura e relacionem elementos visuais?

Existem autores que apontam que isso é possível. Tânia C. Souza (2008), refletindo sobre as dificuldades da Linguística da Enunciação para trabalhar com o não verbal, cunha a concepção de *policromia*, propondo-a como complementar a Teoria de Polifonia, de Oswald Ducrot.

Souza (2018) define *policromia* como conceito que considera a construção de sentido a partir de elementos constituintes do não verbal (cor, imagens, luz e sombra) e como um dispositivo de análise que possibilita ao interpretar uma imagem, projetar outras imagens, que se encadeiam e se relacionam a partir do seu valor simbólico e ideológico. Ou seja, a concepção de policromia admitiria que o discurso não verbal é “polifônico”, pois a interpretação de uma imagem remete a outras imagens, e, também, possui uma estabilidade em sua interpretação, por conter elementos não verbais que direcionam a construção do sentido.

A policromia revela a imagem em sua natureza heterogênea, ou melhor, como conjunto de heterogeneidades que, ao possuírem uma co-relação entre si, emprestam à imagem a sua identidade. Essa co-relação se faz através de operadores discursivos não-verbais: a cor, o detalhe, o ângulo da câmara, um elemento da paisagem, luz e sombra, etc, os quais não só trabalham a textualidade da imagem, como instauram a produção de outros textos, todos não-verbais. Ao se definir policromia como rede de elementos visuais, implícitos ou silenciados, verifica-se que são esses os elementos que possibilitarão as diferentes interpretações do texto não-verbal. Com isso, se diz que as imagens não são visíveis, tornam-se visíveis a partir da possibilidade de cada um projetar as imagens possíveis, que necessariamente, não compõem a estrutura visual do texto não verbal em si, mas que compõem a rede de imagens mostradas, indiciadas, implícitas, metaforizadas ou silenciadas. O trabalho com o conceito de policromia nos faz chegar a como se dá a textualização do político no âmbito do não verbal. Quando se afirma que uma imagem não é visível, mas torna-se visível através dos gestos de interpretação, se pressupõe o alcance político-ideológico inscrito no uso que se faz das imagens. (SOUZA, 2018, p. 75).

Trabalhar com o conceito de *policromia* permitiria observar como elementos como ângulo, plano aberto e fechado, foco e, juntamente com as teorias de Eisner e McCloud, observar como a sarjeta, cores e traços interferem na construção do sentido. Essas teorias não são sobre a interpretação da imagem, mas sobre os mecanismos que se põem em prática na concretude de discursos imagéticos.

Uma tentativa futura de aplicação desse conceito, juntamente com a Teoria da Argumentação na Língua - TAL, pode permitir uma análise mais completa de narrativas multissemióticas e uma possibilidade mais concreta de uso da TAL para análise de discursos constituídos de linguagem verbal e visual. Entendo que a TAL, e

por extensão a Teoria da Polifonia, são essencialmente linguísticas, não comportando elementos visuais em suas descrições, mas não posso ignorar suas possibilidades para o trabalho com a compreensão leitora analítica. Assim o que pretendo é buscar a reunião de elementos da TAL com conceitos da narrativa gráfica e da Teoria da *policronia*, buscando a transposição didática desses elementos com vistas à produção de material para o trabalho do ensino da compreensão leitora na Educação Básica.

Outra teoria para aprofundamento em trabalhos futuros, que pode auxiliar em uma análise mais completa de discursos, visando também o desenvolvimento da compreensão leitora sintética, é a concepção do *Modelo para Descrição do Sentido pela Semântica Argumentativa*, proposto por Tânia Maris de Azevedo em seu livro *Em Busca do Sentido do Discurso* (2006). Nessa obra, a autora revisa a TAL e propõe uma expansão da Teoria dos Blocos Semânticos para dar conta da descrição de entidades complexas como o texto e o discurso.

O uso do *Modelo* de Azevedo (2006) permitiria a análise semântica de discursos pela a TBS, que como visto no início desse trabalho, é uma teoria mais adequada para o trabalho com a compreensão leitora sintética, que, do ponto de vista didático, segundo a mesma autora, sucederia a compreensão analítica. Aliar essa expansão da TAL ao conceito de *Policromia* de Souza (2018) e aos preceitos de Eisner (1995) e McCloud (2008) poderia resultar na criação de um modelo que possibilitasse a análise dos discursos multissemióticos das narrativas gráficas de quadrinhos e tiras pela Teoria da Argumentação na Língua visando a compreensão leitora.

Embora essas sejam possibilidades futuras, o que fica desse trabalho é a necessidade de se pensar numa teoria linguística para análise dos textos de HQs, também considerando a influência da imagem na construção do sentido. Pensar o sentido das HQs com foco na aprendizagem da leitura é pensar em modelos, teorias e subsídios que auxiliem a qualificar a compreensão leitora de textos multissemióticos. Nesse sentido, a TAL é uma teoria muito significativa para pensar o aprimoramento didático da compreensão leitora e uma ferramenta com extremo potencial para auxiliar a aprendizagem da leitura em um mundo cada vez mais marcado pelo hibridismo de linguagens.

7 REFERÊNCIAS

ANDREYKO, Marc. *Amor é Amor*. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2017.

AZEVEDO, Tânia Maris de. Aprendizagem da compreensão leitora: uma proposta de transposição didática da *Teoria da Polifonia* e da Teoria dos Blocos Semânticos. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 80, jul. 2019. ISSN 1982-2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 20/09/2020.

AZEVEDO, Tânia Maris de. *Em busca do sentido do discurso: a semântica argumentativa como uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso*. Caxias do Sul: Educs, 2006.

AZEVEDO, Tânia Maris de. Discurso didático: um modelo para descrição do sentido pela semântica argumentativa. *Conjectura*, v. 16, n. 2, p. 39-55, maio/ago. 2011.

AZEVEDO, Tânia Maris de. Polifonia linguística: uma proposta de transposição didática para o ensino da leitura. *Letras de Hoje*, v. 51, p. 73-81, 2016a.

AZEVEDO, Tânia Maris de. Encadeamentos argumentativos, relações sintagmáticas e associativas: reflexões sobre o ensino da leitura. *ANTARES*, v. 8, n. 15, p. 48-65, jan./jun. 2016b.

BARBISAN, Leci Borges; RÖRIG, Cristina. A compreensão e a interpretação do discurso. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 32-47, jan./jun. 2009. Semestral.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 07/05/2019

BRASIL. *Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa)*. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>. Acesso em: 4 dez. 2020.

BECK, Alexandre. *Armandinho*. V.14. Caxias do Sul: Belas Letras, 2018.

CAREL, M.; DUCROT, O. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, Marion. A Polifonia Linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 27-36, jan./mar. 2011.

CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado*. Buenos Aires: Aique, 1991.

DAHMER, André. *Malvados*. São Paulo: Quadrinhos e Cia., 2019.

D'ÁVILA, Nerci. A enunciação em Benveniste e em Ducrot. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 151-162, dez. 2004.

DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009, p. 20-25.

DUCROT, Oswald. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18, jan./mar. 2008.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. *Enunciação*. In: Enciclopédia EINAUDI. Linguagem – Enunciação. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, v. 2, p. 368-393.

DUCROT, Oswald. Introducción: conferencia 1. In CAREL, M.; DUCROT, O. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005a, p. 9-25.

DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación: conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1990.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FLORES. Valdir do Nascimento. Problemas gerais de Linguística. In: ROMERO, Mária, et al.: *Manual de Linguística*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

FLORES. Valdir do Nascimento (org.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2021.

FLORES. Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FALKENBACH, L.I.S. & AZEVEDO, T.M. A Teoria da Argumentação na Língua no ensino de compreensão leitora. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 169-180, 2018.

FERREIRA, S.; TEIXEIRA, M. *Leitura em sala de aula: um ato enunciativo*. Porto Alegre: UniRitter, 2007. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/27592866/3-leitura-em-sala-de-aula-um-ato-enunciativo-uniritter> Acesso em: 09/05/2021.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Perspectivas da análise do (in)visível: a arquitetura discursiva do não verbal. *Rua*, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 17-35, 4 maio 2018. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/rua.v24i1.8652400>.

TEIXEIRA, Marlene; FERREIRA, Sabrina. *Leitura na escola: um barco à deriva?* Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 63-68, 2008.

TEIXEIRA, Marlene. *É possível a leitura?* Revista Nonada da UniRitter, v. 08, n. 08, p. 195-203, 2005.